



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA

**PAIS E FILHOS FRENTE AO USO DOS *SMARTPHONES*:
TRANFORMAÇÕES NO COMPORTAMENTO DOS ADOLESCENTES**

Salvador
2023

SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA

**PAIS E FILHOS FRENTE AO USO DOS *SMARTPHONES*:
TRANFORMAÇÕES NO COMPORTAMENTO DOS ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Família na Sociedade Contemporânea

Linha de Pesquisa: Contextos Familiares e Subjetividade

Orientador: Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier

Salvador

2023

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica. UCSal. Biblioteca

S587 Silveira, Sandra Ribeiro Bastos

Pais e filhos frente ao uso dos smartphones: transformações no comportamento dos adolescentes / Sandra Ribeiro Bastos Silveira. – Salvador, 2023.

87 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea. Linha de Pesquisa: Contextos Familiares e Subjetividade.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier.

1. Família 2. Adolescentes 3. Relações Familiares 4. Smartphones
I. Fornasier, Rafael Cerqueira – Orientador II. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação II. Título.

CDU 316.356.2-053.6

SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA

**PAIS E FILHOS FRENTE AO USO DOS *SMARTPHONES*:
TRANFORMAÇÕES NO COMPORTAMENTO DOS ADOLESCENTES**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 30 de março de 2023

Banca Examinadora,

Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier – Orientador
Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense (Roma/Itália)
Universidade Católica do Salvador

Prof.^a Dr.^a Lúcia Vaz de Campos Moreira
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (São Paulo, Brasil)
Universidade Católica de Petrópolis

Prof.^a Dr.^a Gilca Oliveira Carrera
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (Salvador, Brasil)
Universidade Católica do Salvador

TERMO DE APROVAÇÃO

SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA


**“PAIS E FILHOS FRENTE AO USO DOS SMARTPHONES:
TRANSFORMAÇÕES NO COMPORTAMENTO DOS ADOLESCENTES”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 30 de março de 2023.

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier
Orientador - (UCSAL)


Prof.ª Dr.ª Lúcia Vaz de Campos Moreira (UCP)


Prof.ª Dr.ª Gilca Oliveira Carrera (UCSAL)

Dedico a minha mãe, Maria Elízia (*in memoriam*), pelo exemplo de ser uma mulher guerreira, humilde e por me ensinar a ser resiliente, ter amor, empatia pelo próximo e não desistir dos meus objetivos.

Dedico também à minha família, em especial minhas filhas, Daniele e Nathália, e meu neto, Luíz Henrique, por acreditarem que sou capaz e por todo apoio.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pelo Dom da vida, por minha saúde, por todo cuidado, proteção, sabedoria e força para superar as dificuldades.

Agradeço aos meus pais, Maria Elízia (*in memoriam*) e Nelson Bastos (*in memoriam*), por me trazerem ao mundo e pelo legado de honestidade, humildade.

À minha família, pelo apoio e incentivo: ao meu marido, Cássio Luíz, e, em especial, às minhas filhas, Daniele e Nathália, por me apoiarem e incentivarem em minhas buscas e conquistas.

À professora Emilene Sales, por todo incentivo e apoio durante esse percurso em busca do mestrado.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, pela partilha de conhecimento.

Agradeço à professora Silvana Sá pelo incentivo a fazer essa viagem no conhecimento da convivência familiar.

Agradeço à professora Eliana por toda contribuição e apoio dado durante esse percurso do mestrado, trazendo de forma leve e acolhedora todas as informações e acolhimento nos momentos mais difíceis nessa jornada.

Às famílias que participaram voluntariamente da pesquisa, pela valiosa contribuição na construção desta dissertação.

Ao meu orientador, professor Rafael Cerqueira Fornasier, por toda ajuda, paciência compreensão e pelo tempo dedicado a me conduzir pelo caminho do conhecimento.

Agradeço ao Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (PROSUC) da Capes pelo financiamento do meu mestrado, sem o qual não seria possível realizar esse trabalho de pesquisa.

Agradeço, por fim, a todos que, direta ou indiretamente, fazem parte de minha vida, compartilhando comigo as alegrias e as tristezas.

“Abra seus braços para as mudanças, mas não abra mão de seus valores”.

Dalai Lama

RESUMO

A família contemporânea tem um crescente desafio com a apropriação da presença das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação. Os smartphones ganham espaços cada vez maiores no dia a dia, transformando o vínculo entre pais e filhos adolescentes. Este estudo tem por objetivo geral investigar como pais e filhos adolescentes percebem suas relações impactadas ou não pelo uso dos smartphones em seu cotidiano. Para avaliar os efeitos do uso dos smartphones na comunicação entre pais/mães e filhos/filhas adolescentes, foi necessário conhecer as realidades das famílias, analisar os contextos relacionais advindos deste uso na convivência familiar, além de compreender as inconstâncias na comunicação entre estes atores. Este trabalho é uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e descritivo, desenvolvida a partir da análise das narrativas sobre as relações parentais e as transformações no comportamento dos adolescentes na convivência familiar de pais e filhos adolescentes através do uso de questionários semiestruturados. A pesquisa foi realizada com três famílias biparentais, que moram em três cidades da Bahia com intuito de visitar as diferentes realidades. Durante a pesquisa foi possível observar, que diante do cenário atual, o uso das tecnologias digitais é constante e intenso no cotidiano das famílias, em especial nos adolescentes do grupo de 12 a 18 anos incompletos de idade. O meio das tecnologias digitais é extremamente potente e vicioso. Ele transformou as relações interpessoais, a partir das famílias, desde a inserção das televisões, computadores, tablets, *ipads*, em especial *smartphones* pela facilidade de adesão e mobilidade e principalmente pelo surgimento da Internet e das redes sociais virtuais. A relação entre os membros das famílias foi modificada. A partir das narrativas foi possível concluir que as relações parentais se transformaram devido ao uso exagerado dos *smartphones* pelos adolescentes.

Palavras-chave: Família. Adolescentes. Relações Familiares. *Smartphones*.

ABSTRACT

The contemporary family has a growing challenge with the appropriation of the presence of Digital Information and Communication Technologies. Smartphones gain ever-increasing spaces in everyday life, transforming the bond between parents and teenage children. The general objective of this study is to investigate how parents and adolescent children perceive their relationships to be impacted or not using smartphones in their daily lives. In order to assess the effects of smartphone use on communication between fathers/mothers with teenage sons/daughters, it was necessary to know the realities of families, analyze the relational contexts arising from this use in family life, in addition to understanding the inconsistencies in communication between these actors. This work is a qualitative research of exploratory and descriptive character, developed from the analysis of the narratives about the parental relationship and the transformations in the behavior of the adolescents in the familiar coexistence of parents and adolescent children through the use of semi-structured questionnaires. The research was carried out in X cities of Bahia in order to visit the different realities of three middle-class and biparental families. From the narratives, it was possible to conclude that parental relationships were transformed due to the exaggerated use of smartphones by adolescents.

Key-words: Family. Teenagers. Family relationships. *Smartphones*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
	2.1. BREVE VISÃO HISTÓRICA SOBRE FAMÍLIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS	16
	2.1.1 Arranjos Familiares e Evolução Social	16
	2.2. AS RELAÇÕES FAMILIARES E SEUS DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE	21
	2.3. A ADOLESCÊNCIA E SUAS METAMORFOSES	26
	2.4. AS RELAÇÕES PARENTAIS NA CONTEMPORANEIDADE	30
	2.5. O USO DAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES FAMILIARES	37
	2.6. ADOLESCENTES E O USO DA INTERNET E REDES SOCIAIS	44
3	ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	52
	3.1. DELINEAMENTO DO ESTUDO	52
	3.2. CONTEXTO DA PESQUISA	53
	3.2.1. Participantes	53
	3.2.2. Instrumento de Coleta de Dados	54
	3.2.3. Procedimentos	55
	3.3. ANÁLISE DOS DADOS	56
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	58
	4.1. CONCEPÇÕES E RELAÇÕES FAMILIARES	58
	4.2. USO DAS TECNOLOGIAS PELOS ADOLESCENTES	61
	4.3. USO DE <i>SMARTPHONE</i> PELOS ADOLESCENTES	63
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
	REFERÊNCIAS	73
	ANEXO A – TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS	80

1 INTRODUÇÃO

Nascida no município de Euclides da Cunha, Bahia, tornei-me Pedagoga pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) em 2006, e no ano seguinte me especializei em Psicopedagoga clínica e institucional pela Faculdade de Ciências da Bahia (FACIBA) por entender que minhas inquietações profissionais me mobilizavam para uma busca constante pelo conhecimento científico e prático sobre a aprendizagem humana, suas dificuldades e seus momentos de aprendizagem.

Nos últimos 15 anos, realizei diversos cursos na área educacional e construí uma experiência clínica e organizacional junto ao governo municipal de minha cidade como também, por trabalhos realizados em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), em 2009, e com a Universidade Católica do Salvador (UCSAL) desde 2018.

A atuação clínica me trouxe novos olhares e perspectivas, quando tomei consciência de que a família, como primeiro meio social de convivência, tem que estar em parceria com o trabalho psicopedagógico na medida em que é nessa vivência e contexto que o sujeito se desenvolve e inicia seu processo de formação identitária e da personalidade; de que a escola, como segundo espaço social, tem como premissa a formação integral dessa pessoa; e de que a adolescência é um momento de desafio e superação em nossa formação humana.

A relevância social do tema deste estudo se dá na medida em que percebemos o aumento da violência nas escolas, as crises de ansiedade dos jovens adolescentes para sair, as queixas dos pais pelo afastamento emocional dos filhos adolescentes e, acima de tudo, após o período de distanciamento social imposto pela pandemia da COVID-19, e, por fim, pela inquietação pessoal que me motiva a essa busca. Por isso faz-se importante conhecer e discutir essas relações familiares entre pais e filhos e o comportamento desses adolescentes frente ao uso do *smartphone*, suas influências e possíveis consequências.

Um estudo recentemente publicado analisou a relação entre a dependência de *smartphones* e o sono em adolescentes. Os resultados mostraram que adolescentes que usavam o *smartphone* com frequência antes de dormir tinham mais problemas de sono, como dificuldade em adormecer e acordar durante a noite, e também maior probabilidade de apresentar sintomas de ansiedade e depressão. Isso reforça, ainda mais os interesses dessa pesquisa explicitados anteriormente (NUNES *et al*, 2021).

O estudo supracitado sugere que há, de fato, a possibilidade de dependência de *smartphones* em adolescentes, com possíveis consequências negativas para a saúde mental e o sono (NUNES *et al*, 2021). Por isso a urgência de se investigar mais profundamente essa relação e orientar a família e aos próprios adolescentes sobre estratégias eficazes sobre o uso dos *smartphones* de maneira saudável e equilibrada.

Esta dissertação tem como pressuposto a relação entre pais e filhos adolescentes, logo, se inscreve no contexto da família. Deste modo, iniciaremos pelos conceitos e breve história de núcleo de relações centrais afetivas que é denominado família.

A história e o conceito de família não são lineares, contínuos e uníssonos, especialmente se considerarmos o complexo momento em que vivemos, a contemporaneidade, cuja marca fundante é a fluidez (BAUMAN, 2001). Dialogar sobre esse território é caminhar na direção das incertezas. Devemos, pois, considerar os fatores socioculturais, econômicos e históricos de cada um dos continentes, os fatores geracionais e as influências orientais e ocidentais, e vice-versa.

É preciso sinalizar a insurgência do novo entendimento de família em meio a uma cultura contemporânea baseada no individualismo, consumo excessivo como eixo das relações sociais, crise do político, descrença no universal, coexistindo em um tempo que já não pode ser considerado apenas moderno, visto que, como afirma Bauman (2001), a sociedade moderna tinha uma sede insaciável de normas que não deram conta de regular as relações e se tornaram progressivamente ambivalentes e ainda mais complexas.

O termo família gera um certo ideário em nossa cultura. Um imaginário composto por nossas vivências em casa, ao brincar, assistir desenhos, ler livros de histórias infantis e adquirir influências de outras culturas, principalmente a estadunidense e a europeia, em nossa visão sobre essa temática. Há certa homogeneidade de pensamento sobre o que vem a ser família, de fato, mas há, também, suas diversas composições em que prevalecem o sentimento, os costumes e o agregar de valores pertinentes ao que denominamos família.

De acordo com Petrini (2003), a família encontra novas formas de estruturação que, de algum modo, a reconstituem sendo reconhecida como estrutura básica e permanente da experiência humana.

Na complexa sociedade que vivemos, não há mais uma única forma que se defina o que é família; ou mesmo cabe o conceito dito tradicional desta concepção. Pensar sobre a família exige que se amplie a compreensão para além das questões de certas épocas ou de cunho evolucionista.

A noção de família é muito particular nas diversas culturas e sociedades. É singular, ao mesmo tempo em que é uma questão sociocultural, uma vez que envolve a natureza de cada relação e seu contexto.

Ferrari e Kaloustian (2002 apud OLIVEIRA, 2009, p.63) destacam que:

A família, da forma como vem se modificando e estruturando nos últimos tempos, impossibilita identificá-la como um modelo único ou ideal. Pelo contrário, ela se manifesta como um conjunto de trajetórias individuais que se expressam em arranjos diversificados e em espaços e organizações domiciliares peculiares.

As famílias na pós-modernidade ou contemporaneidade se formam sob aspectos diversos, não mais apenas no conceito tido como “tradicional” (pai e mãe casados e com filho(a)), mas, e sobretudo, tendo o amor como constructo fundamental de sua estruturação, fazendo com que a ideia de família seja estendida, em muitos lugares, para a união homoafetiva, ou pela composição em que há apenas um dos pais, seja por meio biológico ou adoção, ou ainda em ambos os casos.

Para Szymanski (2002, p.10), o conceito de família na atualidade tem como eixo central

[...] o olhar para esse agrupamento humano como um núcleo em torno do qual as pessoas se unem, primordialmente, por razões afetivas dentro de um projeto de vida em comum, em que compartilham um cotidiano, e, no decorrer das trocas intersubjetivas, transmitem tradições, planejam seu futuro, acolhem-se, atendem aos idosos, formam crianças e adolescentes.

A sociedade conhece mudanças que alteram significativa e constantemente a sua realidade. Estamos vivenciando nos tempos atuais novas configurações, construídas ao longo do tempo, que alteram nossa forma de ver e viver a vida. É nesse contexto da internet, dos jogos e das redes sociais digitais que muitas famílias se inserem, vivem na nova dinâmica social em busca das novas exigências da sociedade em contraposição às suas próprias.

Assim, parece que o conceito de família se amplia para uma relação social de característica subjetiva, imaterial, constituída de referências afetivas e simbólicas, com vínculos explícitos, algumas vezes, independente de uma estrutura física (casa ou patrimônio), mas, onde todos os membros se reconhecem como pertencentes a uma família, como uma totalidade.

Diante desse complexo cenário, essa dissertação se propõe a refletir sobre algumas questões cruciais: *Como estão as relações familiares na contemporaneidade? Na atualidade, como ocorre a comunicação entre os membros da família?*

Com o advento das tecnologias midiáticas, a inovação da internet e das redes digitais de relacionamento/comunicação, as fronteiras geográficas diminuíram, aproximando um universo de pessoas e relações que estavam distantes; por outro lado, por causa desse fascínio e seu uso ilimitado, houve o distanciamento das relações do convívio familiar.

Essas incoerências marcam as famílias e suas relações, que são frágeis, mesmo tendo vínculos fortes de núcleo central de afeto, sociabilidade, acolhimento e sustento. O grande desafio que se instaura nesse processo é a busca de estratégias para que possamos conciliar o mundo digital virtual e a realidade experienciada em nossos contextos de relações, de forma e conteúdo presencial, na nossa própria família. O impacto disso tudo já pode ser percebido na atual geração, de forma que é possível observar turbulências e afastamento do sentido e sentimento de pertencimento à família, bem como distorções no modo de convivência, favorecendo o surgimento de relações doentias, violentas, excludentes, criando vazios psicológicos, emocionais e existenciais no ser humano, principalmente nos mais jovens, como destaca a Organização Mundial da Saúde e o Ministério da Saúde do Brasil, (OMS, 2019¹; MS, 2011/2016).

Segundo Thomazini e Goulart (2018), a mesma tecnologia que aproxima as pessoas de pontos distintos do mundo com mais rapidez, também distancia as relações interpessoais, e com a mesma velocidade. Desde Alexander Graham Bell nunca foi tão fácil a comunicação entre as pessoas no globo. Aproximamo-nos de qualquer ente, em qualquer lugar, a poucos cliques do mouse ou, em especial, do *smartphone*.

A pesquisadora se viu implicada com o objeto de pesquisa a partir de observação na própria dinâmica familiar no contexto vivenciado na pandemia, em que o isolamento social foi a marca dos primeiros meses da descoberta do vírus que causava a Covid-19. Apesar de estarem juntos fisicamente, os membros do núcleo familiar se encontravam distantes do ponto de vista relacional, e isolados em cômodos separados com os seus *smartphones*. Esse fato foi de grande impacto para a dinâmica da família.

Sendo a pesquisadora também psicopedagoga clínica, esse olhar atento e a escuta sensível foram fundamentais para observar, após o isolamento social, em espaços coletivos a instauração e consolidação dessa mudança, particularmente

¹ <https://grupoelfa.com.br/tecnologia-e-saude-mental-qual-o-impacto-na-vida-dos-jovens/>. Acesso em 01/04/2023.

analisando o comportamento do público adolescente em espaços coletivos. Era possível perceber a presença física, mas a distância relacional evidente com a ausência de diálogos entre eles e a presença dos *smartphones* nas mãos.

O estudo em questão preocupa-se em analisar a interferência do uso dos *smartphones*, para verificar se há relação direta ou indireta com o afastamento daquilo que se chama primeiro núcleo: o familiar.

A partir dessa abordagem, faz-se um paralelo com a sociedade atual, questionando o quanto a prática do diálogo direto presencial se enfraqueceu, ou não, em seus propósitos, perdeu forças e espaço para os dispositivos tecnológicos pessoais. Assim, a dissertação em questão teve como objetivo geral investigar como pais e filhos adolescentes percebem suas relações impactadas ou não pelo uso dos *smartphones* em seu cotidiano

A pesquisa também teve como objetivos secundários: (a) conhecer as realidades das relações familiares entre pais/mães e filhos/filhas adolescentes e o uso dos *smartphones* na comunicação entre eles; (b) analisar os contextos relacionais advindos do uso dos *smartphones* na convivência familiar e compreender as inconstâncias no comportamento, comunicação e nas relações entre pais/mães e filhos/filhas adolescentes, frente ao uso desse recurso tecnológico.

O intuito dessa pesquisa é colaborar para os estudos que têm apontado para a compreensão das novas dinâmicas familiares no contexto da contemporaneidade, bem como contribuir com futuros estudos que possam surgir nesta direção. Além disso, pretende-se colaborar para que as famílias possam encontrar nessa dissertação um embasamento teórico-metodológico que as auxiliem na condução dos limites na utilização de *smartphones* dos adolescentes em suas relações parentais.

Isso posto, esperamos com essa pesquisa conhecer quais as interferências do uso destes dispositivos nas relações familiares na contemporaneidade: o que está acontecendo com essas relações, e como estão as relações e a comunicação entre os membros da família.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 BREVE VISÃO HISTÓRICA SOBRE FAMÍLIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

2.1.1 Arranjos Familiares e Evolução Social

O conceito sobre o que é família para a maior parte das pessoas é intuitivo, tendo como base sua própria experiência.

Para Rodrigues (2018, p. 2728), “São as situações vivenciadas por cada um de nós que nos inserem no mundo, nos posicionam socialmente e nos fazem entender onde estamos. A partir deste repertório individual é que construímos nosso saber”.

Ao citar Prado (1981, p. 12), Rodrigues e Locatelli destacam que “a família não é um simples fenômeno natural. Ela é uma instituição social variando através da história e apresentando até formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado” (RODRIGUES; LOCATELLI, 2021, p. 44).

Segundo Lino (2009), a família, no imaginário social, compreende os laços consanguíneos, mas é, também, uma construção social, um espaço indispensável para a garantia da sobrevivência, de desenvolvimento e de proteção integral dos filhos e de seus demais membros, independente do arranjo familiar ou da forma como se estruturam. O que se afina com Sarti (1996, p. 33) quando afirma que “a família não é apenas o elo afetivo mais forte dos pobres, o núcleo da sua sobrevivência material e espiritual, o instrumento através do qual viabilizam seu modo de vida, mas é o próprio substrato de sua identidade social”. Sua importância não é apenas funcional, seu valor não é meramente instrumental, mas se refere à sua identidade de ser social e constitui o parâmetro simbólico que estrutura sua explicação do mundo.

De acordo com Dessen e Costa Junior (2005), a ideia de pós-modernidade é caracterizada pelo rompimento com visões universalistas e pela busca de descentralização de modelos predeterminados, o que obviamente, torna o termo “família” difícil de ser definido do ponto de vista científico.

Peixoto (2000, p. 8) nos traz que

As pesquisas sobre as práticas e comportamentos familiares nem sempre foram objetos de estudos caro aos antropólogos [...]. Ainda que os pensadores sociológicos tenham se debruçado sobre o estudo da família e a tornassem um dos objetos a serem observados na amplitude das variações decorrentes das revoluções política e industrial, foi preciso esperar o ano de 1960, para que os pensadores contemporâneos recommencessem a se interessar pelas relações familiares.

A partir de 1960, a revolução industrial no Brasil trouxe em seu bojo significativas mudanças na instituição familiar, visto que desde os tempos greco-romanos a concepção que se tinha era de que o “*pater familias*”, conhecido como poder familiar, era uma prática exclusiva do homem, e a mulher, por sua vez, era criada para desempenhar as atividades domésticas em caráter de obrigação. Já o relacionamento entre pais e filhos foi marcado pelo poder do chefe que se valia de violência no tratamento com seus filhos.

A família moderna, do final do século XVIII e do século XIX, tinha os papéis claramente definidos. A mulher assumia o lugar da boa mãe, dedicada em tempo integral, responsável pelo espaço privado, ou seja, o cuidado da casa, dos filhos e do marido. Ao homem passa a caber o espaço público da produção, das grandes decisões e do poder (COUTINHO, 1994, apud FINELLI; SILVA; AMARAL, 2015 p.55).

As mudanças nas dinâmicas familiares estão intrinsecamente relacionadas às mudanças no papel da mulher que ocorreram ao longo do século XX: entrada no mercado de trabalho, maior acesso à instrução formal e à profissionalização, bem como a busca pela valorização profissional e satisfação para as necessidades pessoais e profissionais. Essa busca implicou na necessidade de a mulher ocupar novos espaços, repercutindo na opção por novas escolhas e conquistas que resultaram em novas formas de vivenciar a conjugalidade (ALMEIDA; MOREIRA, 2011).

Com o transcorrer da história, a instituição familiar passou a receber proteção especial do Estado fazendo surgir a igualdade de condições entre os cônjuges para exercer o poder familiar de forma equilibrada.

Parentesco e casamento organizavam a vida social e política nas sociedades não industriais. Um grupo de parentesco generalizado é a família nuclear, composta por um casal e filhos. Outros grupos, como famílias extensivas e grupos de descendência, podem assumir funções em geral associadas à família nuclear. As famílias nucleares tendem a ser especialmente importantes em sociedades industriais e pós industriais. (KOTTAK, 2013, p. 189).

Vale salientar que a organização familiar patriarcal prevaleceu como organização familiar desde o período colonial, persistindo até boa parte do século XX. Aqui se presenciava o pátrio poder, em que o marido era soberano sobre a mulher e os filhos. Essa família tinha bases na função religiosa, na função política e até mesmo procracional. Esse modelo tradicional passou a dividir espaço com outras tipologias familiares. Mas a “família vem se adaptando e se reorganizando quanto às influências e intempéries externas” (AMORIM, 2019, p.2).

Pelo conceito apresentado, no momento é possível acreditar que na contemporaneidade se revelam outros desafios e mudanças sociais importantes nos diferentes níveis, em especial por meio de acumulação do ter, em detrimento do ser, que passa a valorizar o efêmero e a fragilidade das relações familiares.

A partir disso, apareceram novas conjunturas de família, de modo que, atualmente, a aludida instituição pode ser constituída por pessoas que moram no mesmo lugar, a fim de construir um lar, baseado nos vínculos afetivos, independente de matrimônio, já que foi reconhecida pela constituição federal a união estável como forma de entidade familiar. Porém, é importante salientar que junto a essas inovações na sociedade atual, aumentou também o número de separações, divórcios, assim como, crianças concebidas fora do casamento ou união estável, dentre outros, de modo a interferir diretamente na estrutura familiar de cada indivíduo.

Nos últimos anos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), o Brasil tem vivenciado uma redução no número de nascimentos. Essa tendência de baixa na taxa de natalidade é um fenômeno mundial, dado, segundo a pesquisa, ao aumento da urbanização e à maior escolaridade e acesso das mulheres.

De acordo ao Instituto de Pesquisas de Economia Aplicadas (IPEA, 2018), no Brasil, a taxa de fecundidade tem diminuído de forma constante nas últimas décadas. Em 2019, a taxa de fecundidade do país foi de 1,74 filhos por mulher, o que representa uma queda em relação a 2018, quando a taxa era de 1,77 filhos por mulher. A partir desses dados percebemos, também, que há novas configurações familiares e novas formas de encarar e viver a maternidade e o sonho de constituir uma família

De acordo com esse cenário de construção de novas estruturas familiares, redefinições e reconfiguração dos papéis masculino e feminino, com forte impacto na organização familiar. Surgiram então as famílias:

- **Família homoafetiva** - Conforme Lôbo (2011), a família homoafetiva, é constituída por pessoas do mesmo sexo, seja mulher ou homem, sendo considerada família as que estiverem dentro do exigido, considerando prioritário a afetividade, estabilidade, ostensibilidade, e estiverem dentro da determinação de constituição de família.
- **Paralelas ou simultâneas** - esta modalidade familiar, segundo Dias (2015), é constituída simultaneamente, quando uma mulher e um homem já casados, constroem outra família paralelamente. Esse tipo de construção familiar é fruto de uma cultura da sociedade e não existe lei que pressuponha a existência dessa relação.
- **Monoparental** - é a família na qual apenas um dos genitores permanecem com seu(s) filho(s).

- **Família parental** – Esta combinação familiar é aquela em que a convivência poderá ser com os parentes ou não, esse arranjo não é amparado por lei.
- **Família poliafetiva** - Esse arranjo familiar é constituído em trio, seja duas mulheres e um homem ou dois homens e uma mulher. Essa constituição familiar é a mais desafiadora, pois os membros vivem no mesmo lar e dividem a mesma cama, vivendo conjugalmente.
- **Família composta, pluriparental ou mosaico** – Nessa constituição familiar se inserem os pais que têm filhos e se separam, começam a se relacionar com outras pessoas que também têm filhos de outros relacionamentos. Segundo Dias (2015, p. 243), “são famílias que se caracterizam pela multiplicidade de vínculos, ambiguidade das funções dos novos casais e forte grau de interdependência”;
- **Família natural, extensa ou ampliada** – família natural está vinculada à família nuclear, biológica, entendida como consanguínea, formada por esposa, marido e filhos. Já a família extensa ou ampliada é constituída por parentes próximos com os quais os filhos do casal convivem e mantêm vínculo como com as avós, tios, para além de pais e filhos;
- **Família substituta** – São famílias que estão cadastradas à adoção, guarda ou tutela. Isso é realizado quando a família tem o perfil que se encaixe na exigência, sendo convocada a receber a criança ou adolescente mediante a guarda, firmando compromisso como rege o Art. 32 do ECA.
- **Família Eudemonista** – Segundo Dias (2015), é a família que procura a felicidade individual, através da emancipação de seus componentes, onde o objetivo principal é o amor, a felicidade, onde, tanto o marido quanto a mulher, têm o mesmo direito e deveres mutuamente.

2.2 AS RELAÇÕES FAMILIARES E SEUS DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE

Ao longo da história, a instituição familiar sempre esteve em contínuas modificações. No primeiro modelo de família, segundo Welter (2004, p. 14), “o marido era considerado o chefe, o administrador e o representante da sociedade conjugal”. Esse marido era o chefe da família e o mesmo tinha autoridade para fazer o que quisesse com seus filhos, esposa e escravos. A instituição familiar era uma unidade econômica, religiosa, política e jurisdicional.

A Constituição Federal de 1934 trouxe em seu bojo a proteção da família através do Estado, uma vez que este passou a ser mediador das relações desse instituto, determinando sua indissolubilidade (BRASIL, 1934).

Conforme Petrini (2009), a característica presente em todas as formas familiares, desde os tempos mais antigos, é a cooperação entre os sexos e entre as gerações. Um grupo de pessoas é reconhecido como família quando se configura como uma relação de plena reciprocidade. Formas de cooperação entre os cônjuges e destes com eventuais filhos e com os pais idosos podem ser encontrados em todos os modelos de família.

As relações familiares constituem um espaço de convivência humana e de pertencimento e que constituem uma rede de relacionamento. As alterações sociais foram gerando aos poucos significativas mudanças na instituição familiar, ficando para trás a característica canonista e dogmática de séculos anteriores, principalmente com a chegada da Constituição de 1988. Para Donati (2006), toda relação tem origem numa ação recíproca entre sujeitos sociais que geram ou atualizam um vínculo que pode ser percebido e experimentado como recurso ou como um dificultador da vida ou da relação.

Logo, o conceito de família foi se adaptando à realidade imposta pela sociedade, bem como a legislação teve que se ajustar a estas mudanças, visto que os casamentos “tradicionais” estão cada dia mais difíceis de ocorrer, e quando este acontece são menos

duradouros, acarretando em filhos de pais separados, divorciados ou até mesmo solteiros, aumentando o número de famílias nas quais o pai e mãe assumem o mesmo papel. Porém, é a mulher que, com frequência, adquire a guarda bem como toda responsabilidade pela educação e criação de seus filhos.

A instituição familiar foi ganhando novos rumos se adaptando à nova realidade, buscando desta forma, a união constituída pelo carinho, amor e afeto, e não mais pelo intuito somente de procriação, mas, também a incessante busca pelo ideal da felicidade e a comunhão plena de vida a dois. Com isso sua configuração foi mudando e o papel do pai e da mãe na nova constituição familiar aos poucos foi se transformando (OLIVEIRA, 2018, p. 74).

Dentro do século XX, destacamos as últimas décadas como fundantes para as novas relações familiares. As transformações dos anos 1980, como o aumento do número de divórcios, tiveram um forte impacto nas constituições familiares dos anos 1990, período da chegada da internet no Brasil. O divórcio teve seus índices aumentados significativamente, em até três vezes. Aproximadamente 47% dos domicílios passaram a se organizar na ausência de, pelo menos, um dos pais, crescendo a incidência de novos arranjos familiares, embora o modelo nuclear de família ainda continuasse sendo maioria (PEREIRA, 2003). Novas configurações de famílias surgiram, as monoparentais, constituídas por apenas um dos cônjuges e os filhos, e as chamadas “cangurus”, constituídas por um dos cônjuges e seus filhos que voltaram a morar com os pais (GALANO, 2006; PEREIRA, 2003).

As mudanças ocorreram ao longo das décadas de 1980 e 1990, em especial, resultaram em novas formas de família, as quais são oriundas de transformações sociais e culturais. Passaram a ter maior evidência social as famílias monoparentais, recasadas e de pais homossexuais.

Apesar de essas formas alternativas de famílias serem diferenciadas da família tradicional nuclear, essas exercem a função destinada à última. Isso porque a família tem por lei a obrigatoriedade de cuidar do desenvolvimento da criança, da integridade do corpo e transmitir herança patrimonial e cultural. Constitui-se uma família, perante a legislação, quando realizadas essas tarefas. Essa função, então, pode ser exercida

por vários tipos de grupos familiares, como a de um casal heterossexual, ou um casal homossexual, ou uma só pessoa (ROSA, 2013).

Outro marco do final dos anos 1990, e que foi fator fundador das novas formas de organização familiar, foi a evolução da ciência em relação à reprodução humana. O maior número de nascimentos derivados de soluções de alta tecnologia (fora das vias naturais de concepção), tem tornado mais fácil a aceitação de vínculos familiares diversificados. A tecnologia oferece a oportunidade de se constituir uma família sem ao menos entrar em contato com um dos membros do par. Possibilita que casais homossexuais constituam um novo grupo familiar ou que famílias sejam construídas a partir de só um membro gerador (GOMES, 2003).

A família monoparental é aquela constituída apenas por um homem, ou uma mulher e seus filhos. Essa é formada por pessoas viúvas, ou sujeitos que optaram por uma “produção independente” - ou seja, utilizaram da tecnologia para constituírem uma família – ou ainda, um relacionamento estável, geraram prole com parceiro(a) que não compartilhavam o desejo de ter um filho, ou de constituir uma família (ABECHE; RODRIGUES, 2010).

Com o aumento do número de divórcios surgem, também, as famílias recasadas, aquelas constituídas por um par (ou casal) oriundo de experiências prévias de casamentos desconstruídos (indivíduos separados ou viúvos). Féres-Carneiro (1998) pontua que essas famílias possuem características próprias e não podem ser consideradas como uma família nuclear recriada. Isso porque, muitas vezes, são construídas novas uniões de parceiros que já trazem filhos de uniões pregressas. Esses, que são enteados do cônjuge, são “irmãos” dos filhos desse apenas em nome (PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2003).

Existem, atualmente, também as famílias constituídas por homossexuais, modalidade que ainda hoje gera certo espanto. Esse tipo de família alternativa é bastante recente e apenas alguns países no mundo aprovam em lei o casamento entre pessoas do mesmo sexo, e reconhecem tais uniões como condição para adoção, ou registro da prole (GOMES, 2003). Nem todos os países têm acompanhado a

velocidade das mudanças. No Brasil, por exemplo, ainda não há nenhuma legislação que permite a aprovação das uniões legalmente. Porém, o país está caminhando para alcançar essa nova realidade, pois os tribunais passaram a proferir decisões inovadoras em casos relacionados com essa situação (YANAGUI, 2005). Essas atuais formas de famílias não devem ser consideradas como disfuncionais ou anormais. Devem, sim, ser reconhecidas como novos arranjos que surgem diante da necessidade e diversidade do mundo contemporâneo (FINELLI; SILVA; AMARAL, 2015).

No âmbito familiar, é possível ressaltar a conquista feminina com o ingresso da mulher no mercado de trabalho, adquirindo ainda igualdade de direitos também na vida pública. Com isso, o homem passou a se dedicar a alguns dos afazeres domésticos, guarda e educação dos filhos, deixando este de ser responsável exclusivo pelo sustento da família. Essas mudanças indicam menor desigualdade entre os papéis masculinos e femininos, o que implica menor hierarquização dentro da instituição familiar e mudanças na distribuição das tarefas do lar entre os genitores.

A instituição familiar foi ganhando novos rumos e se adaptando à nova realidade, buscando, desta forma, a união constituída pelo carinho, amor e afeto, diminuindo a percepção da família voltada somente para a procriação, mas, também a incessante busca pelo ideal da felicidade e a comunhão plena de vida a dois. Com isso, sua configuração foi mudando e o papel do pai e da mãe na nova constituição familiar aos poucos foi se transformando (OLIVEIRA, 2018, p. 74).

Na atualidade, para se criar filhos deve-se levar em consideração a complexidade da vida contemporânea. Em um passado próximo, início do século XX, a tarefa de criar filhos era focada nas tradições inquestionáveis, em que a autoridade dos pais prevalecia, em uma espécie de código para a educação dos filhos.

Essa maneira mais inflexível de criar filhos foi muito questionada no final do século passado e, atualmente, os pais estão expostos a uma quantidade enorme de informações oferecidas nos meios de comunicação, profissionais, livros e revistas, que os deixam confusos e, por vezes, são contraditórios do que se deve ou não ser feito no processo da

educação familiar, deixando-os com dúvidas e desorientados, tendo preocupações demasiadas na busca de 'garantias' de uma boa educação (MALDONADO, 2008).

Por causa de manejos ineficientes, como, por exemplo, não colocar limites para não os traumatizar, faz com que a criança cresça e se torne uma adolescente que não respeita limites e não tolera frustrações, pois não sabe lidar com elas. Como é retratado na pesquisa de Araujo e Sperb (2009), as mães têm certo receio de intervir no lazer dos filhos, entrando no dilema de como construir limites para eles sem afetar suas emoções; ou seja, sem trazer frustrações, raivas ou traumas.

Segundo as narrativas das mães desta pesquisa, elas temem pelo bem estar dos filhos e se dividem quanto a como estipular esses limites e como estabelecer as consequências, por exemplo, de como restringir o uso das telas e tecnologias de seus filhos (ARAUJO E SPERB, 2009).

A família: diz respeito ao estabelecimento de limites para os filhos, seja através das intromissões dos avós ou dos ex-cônjuges, quando os pais são separados, seja quando as mães lembram a educação recebida de sua família de origem. A afirmação de que os outros filhos são parâmetros na condução dos limites com determinada criança também foi verificada nas entrevistas. (ARAUJO E SPERB, 2009, p. 188)

A forma que achamos de ser bom pai ou boa mãe traz expectativas, em que criamos um ideário a respeito da criação dos filhos, suas dificuldades que aparecem nos diversos tipos de relacionamentos e os mitos culturais, causando estranhamento no modo de pensar e agir, constituindo, assim, um repertório relacional entre pais e filhos. Quando se toma consciência dessa estruturação, há o aumento de possibilidade de se realizar as mudanças necessárias para o bom andamento das relações.

As novas demandas sociais da contemporaneidade são desafiadoras, uma vez que diante da ingerência de múltiplos fatores do movimento mundial, no qual caminhar juntos pode não ser mais uma "opção" e, sim, uma necessidade particularmente quando pensamos no contexto da inserção das tecnologias no seio familiar.

É necessário compreendermos que esses movimentos globais da atualidade e os acontecimentos de nossa história, por via de regra, não são lineares. O que percebemos são os avanços que colhemos de uma caminhada na quebra de barreiras e paradigmas, em que determinadas descobertas não invalidam ou colocam abaixo o caminho traçado para a vida familiar; ao contrário, são encontradas respostas que tenham representatividades de um dos possíveis pontos de chegadas na busca por conhecimento.

As quebras das normas que seguimos acontecem em cenários diversos, nos quais o direito, a tecnologia e sociedade contemporânea necessitam caminhar juntos sob pena de se criar mais desigualdades sociais frente às demandas tecnológicas e de relações de nosso tempo (LISBOA, 2006).

Vale salientar que por meio da viabilidade tecnológica, científica e de informação, a humanidade está alcançando um espaço e passa a (re)configurar as relações, inclusive, principalmente, no âmbito da família. A partir disso, passamos a conviver com instabilidades, mutabilidades e instantaneidade, que tanto nos serve como ganho global, quanto para revelar que todo avanço possuirá variáveis que não se é possível controlar, gerando-nos um custo que ainda estamos vivenciando.

Os acontecimentos apresentados na Sociedade da Informação geraram contribuições às sociedades já existentes, que serviram de sustentação para toda uma nova conjuntura social, em nosso caso, familiar também. Essa configuração, mediada pelo avanço tecno-científico, convive com as controvérsias desse momento mundial e local. Ao mesmo tempo, converte-se a um elemento a ser mensurado nas tomadas de decisões, ao passo que há de se enfrentar suas possíveis variáveis (ainda desconhecidas) e as consequências dessas relações e ações.

2.3 A ADOLESCÊNCIA E SUAS METAMORFOSES

A adolescência, em um primeiro momento de critério, está vinculada à idade, à biologia, ao estado e à capacidade do corpo. Todavia, esse conjunto não transforma, por completo, a pessoa em um adulto jovem. Outras mudanças se fazem presentes para que se possa alcançar o estágio de amadurecimento cognitivo, psicossocial e emocional que caracterizam a fase adulta, bem como a perspectiva de projeção sobre a própria vida.

As mudanças biológicas do período inicial da adolescência são chamadas puberdade: “suas transformações são universais e visíveis, alterando características como altura, forma e desenvolvimento sexual, os quais levam os jovens para o que é esperado na idade adulta” (CERQUEIRA-SANTOS; MELO NETO; KOLLER, 2020, p. 18). Entretanto, os critérios que definem ciclo do desenvolvimento físico perceptível estão totalmente relacionados a aspectos psicossociais e culturais.

Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos (*adolescents*) e pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos (*youth*), critério este usado principalmente para fins estatísticos e políticos. Usa-se também o termo jovens adultos para englobar a faixa etária de 20 a 24 anos de idade (*young adults*). Atualmente, usa-se mais por conveniência agrupar ambos os critérios e denominar adolescência e juventude ou adolescentes e jovens (*adolescents and youth*) em programas comunitários, englobando assim os estudantes universitários e também os jovens que ingressam nas forças armadas ou participam de projetos de suporte social denominado de protagonismo juvenil. Nas normas e políticas de saúde do Ministério de Saúde do Brasil, os limites da faixa etária de interesse são as idades de 10 a 24 anos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Art. 2º da Lei 8.069, de 1990 (BRASIL, 1990), considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade, e, em casos excepcionais e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade (Artigos 121 e 142). O adolescente pode ter o voto opcional como eleitor e cidadão a partir dos 16 anos. O conceito de menor fica subentendido para os menores de 18 anos (EISENSTEIN, 2005).

A fase inicial da adolescência, na qual ocorrem mudanças biológicas significativas, é chamada puberdade. “Suas transformações são universais e visíveis, alterando características como altura, forma e desenvolvimento sexual, os quais levam os jovens para o que é esperado na idade adulta” (CERQUEIRA-SANTOS; MELO NETO; KOLLER, 2020, p. 18). Entretanto, os critérios que definem ciclo do desenvolvimento físico perceptível estão totalmente relacionados a aspectos psicossociais e culturais.

Outras mudanças se fazem presentes para que se possa alcançar o estágio de amadurecimento cognitivo, psicossocial e emocional que caracterizam a fase adulta, bem como a perspectiva de projeção sobre a própria vida. Toda essa mudança pode gerar desequilíbrios e instabilidades extremos no adolescente, alternando períodos de introversão, timidez, desinteresse e apatia com audácia, euforia e urgência. Essas instabilidades ainda cursam com conflitos afetivos, crises religiosas que também podem oscilar com ateísmo ou misticismo fervoroso, ascetismo e condutas sexuais dirigidas ao heteroerotismo ou homossexualidade ocasional (ALVES, 2016).

O desenvolvimento do adolescente também sofre influências socioculturais da família e companheiros, sendo a pressão exercida pelos grupos de pares o fator mais poderoso para determinar seu comportamento (FERRONATO, 2015). Assim, pertencer a um grupo significa ser compreendido por alguém que está passando pelo mesmo processo de mudança e busca de identidade (OLIVEIRA, 2018). Por outro lado, enquanto o adolescente busca uma identidade própria ao tentar se diferenciar das pessoas com as quais convive, começa a apresentar um comportamento tribal adquirindo os mesmos hábitos e gostos de um grupo social, podendo assumir inclusive comportamentos de riscos, mesmo estes não sendo encontrados em seu núcleo familiar (CRESTANI, 2016; FRANKLIN *et al.*, 2018).

Pensar sobre como a adolescência, que no decorrer da história, foi sendo construída por meio de discursos diversos de especialistas interessados em institucionalizá-la como um momento da vida essencial ao desenvolvimento do ser humano, ligado a uma fase de rebeldia, estresse e problemas, é muito simplista, ou

melhor, é apenas uma parte dos processos físico, biopsicossociais, familiares e emocionais, neurocognitivos e inter-relacionais, de construção e formação da identidade, personalidade, visão de mundo etc., que ocorrem no período dos 12 aos 18 anos incompletos, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990). As representações sociais sobre a adolescência vêm sendo introduzidas em suas dinâmicas e perspectivas dialógicas pelo contexto consensual próprio do viver humano, referenciando-se nas experiências individuais e, principalmente, grupais que conferem um caráter processual de transição para a adolescência e na adolescência propriamente dita.

Nesse propósito, comungamos da visão sobre adolescência em que ela possa ser pensada como um processo, ou enquanto “devir”, construção contínua, sem fronteiras delimitadas tão rígidas e datadas, que a separem da infância. É um percurso atrelado a uma fase tida como natural e processual. Deste modo, nossa atenção se volta à necessidade de termos cautela para não permitir que as representações socioculturais se sobressaiam ao desenvolvimento do ser humano. Este ser humano, que é singular, tem uma história, uma cultura e uma vida social mais complexa que o conceito que lhe é atribuído.

No final da adolescência, consolida-se a construção da identidade e personalidade, e o sentimento de pertencimento grupal, pois o adolescer se faz na relação familiar, e, principalmente, no seio grupal, na convivência consigo e com o meio em que se vive e se desenvolve (CERQUEIRA-SANTOS; MELO NETO; KOLLER, 2020).

Na direção dos estudos que apontam a fluidez dos conceitos e modos de ser contemporâneos, está também a própria denominação do que venha a ser a adolescência. Não há uma definição absoluta nem aceita do que seja a adolescência e muito menos uma teoria para ela. Houve um entrelaçamento entre a Biologia (com a imagem do adolescente associado à puberdade) e o romantismo, proporcionando um enredo para a afirmação das identidades individuais após os tumultos emocionais próprios dessa faixa etária (MOREIRA; RABINOVICH; FORNASIER, 2018).

A adolescência é caracterizada como sendo uma fase de mutação. Zittoun (2012) afirma que não há uma definição aceita do que seja adolescência e muito menos uma teoria para ela. Assim, esta fase, como todas as demais, é estudada teoricamente, segundo a compreensão de ser humano do pesquisador a qual sofre o impacto das transformações da percepção atual do ciclo ou curso de vida.

Existem, segundo estudos antropológicos de Margareth Mead e Ruth Benedict, descontinuidade, contrastes e conflitos bem característicos desse período, que levam a uma confusão central do papel social do adolescente em sua sociedade, ora tratados com os mimos da infância e a proteção de quem ainda não é um adulto responsável; ora tratados como um adulto em potencial que devem assumir posturas amadurecidas e comportamentos esperados e impostos pela sociedade em que vive.

Quando se traz o referencial etário como forma de identificar esse público em desenvolvimento, as interferências psicossociais são contrárias. Enquanto a psicológica, respaldada pela ciência contemporânea, evidencia que o amadurecimento cerebral vai até os 24-25 anos, o fator sociocultural impõe a urgência de um amadurecimento relacional e cognitivo próprio, que venha a agregar valor ao que se embute como expectativa e projeção, do que deve ser um adolescente “normal”.

Há evidências entre os aspectos formativos e constitutivos da identidade e personalidade do jovem em desenvolvimento na fase dos 12 aos 18 anos incompletos, e, do outro lado, toda uma realidade sociocultural impositiva que o “obriga” a crescer e amadurecer, além das cobranças e alternâncias comportamentais do trato da família para com esses adolescentes: em alguns momentos jovens demais para entender e agir no mundo, muitas vezes infantilizando-os; noutros momentos, a cobrança social e de posicionamento perante a vida. Essas incongruências definem nossa percepção e compreensão. Assim, percebemos o que é a adolescência na contemporaneidade.

2.4 AS RELAÇÕES PARENTAIS NA CONTEMPORANEIDADE

A relação parental define-se sobre a forma como a ligação entre os pais e os filhos é construída. Esta relação influencia todo o desenvolvimento da criança e conseqüentemente a do adolescente, seja de forma positiva ou negativa, trazendo conseqüências bem sucedidas ou não de acordo com o posicionamento assumido pelos pais. É notória a forma como a relação parental influencia a educação e no comportamento das crianças e posteriormente nos adolescentes, o que traz conseqüências em seu desenvolvimento (CARDOSO; VERÍSSIMO, 2013).

Costa, Teixeira e Gomes (2000) traduziram e adaptaram para o Brasil duas escalas para avaliar as dimensões de responsividade e exigência, que permitem a classificação de quatro estilos parentais: **autoritário** (pais altos em exigência e baixos em responsividade); **autoritativo** (pais altos em ambas as dimensões); **indulgente** (pais altos em responsividade e baixos em exigência); e **negligente** (pais baixos em ambas as dimensões).

Cada família, independentemente de sua formação, possui diferentes estágios de desenvolvimento e enfrenta seus próprios desafios na criação e educação de seus filhos. Sabe-se também que todas objetivam desenvolvimento saudável de todos os seus membros.

Tomamos aqui a família enquanto uma unidade afetiva grupal, geracional e de convivência social, cultural, de transmissão de valores, costumes, entre outros, cujo contexto é local fundante para os estágios do desenvolvimento dos indivíduos.

A adolescência é um desses estágios. Nele, segundo Senna e Dessen (2012), há um processo de “ajuste e conscientização” por meio do conhecimento de novos limites, regras, responsabilidades, descobertas no âmbito físico, psíquico e social. Nesse momento há uma aproximação maior entre seu grupo social e um afastamento relacional da família em busca de novos desafios e experimentação.

A adolescência, fase de transição entre o final da infância e a vida adulta, é um novo momento de mudança marcante, pois novos ajustes, renegociações e

adaptações à família e ao meio em que se vive, fazem-se necessários para a boa convivência familiar e social. Neste estágio, ocorrem os conflitos, a busca por independência, comunicação mais escassa e novos padrões de interação em família.

Essa etapa é de formação e constituição do processo identitário do adolescente e constituição de sua personalidade, a partir dessas relações e influências. A depender da condução familiar, esse período terá mais ou menos conflitos, e o estabelecimento desse relacionamento se fará com maior estabilidade e proximidade.

O relacionamento entre pais e filhos é complexo e passa por diversas mudanças no decorrer do tempo. A família que, por sua vez, está inserida num contexto social e histórico-cultural, sofre influências várias; a conduta de um influi na do outro, num grande sistema de trocas. [...] Crenças, valores, maneira de encarar e viver a vida, noções do que é ser bom pai e bom filho... tudo isso entra na composição do relacionamento (MALDONADO, 2008, p. 27-28).

A família, como primeiro e principal contexto de convivência e comunicação do ser humano em desenvolvimento, estabelece seus próprios padrões de convivência relacional, regras e contextos de comunicação entre seus membros. A qualidade dessas interações e relações advém desses padrões. As diferenças pessoais e peculiaridades, a diversidade de arranjos familiares e o estabelecimento comunicacional, comportamentos e organização depende do quão próxima são estabelecidas a afetividade no seio das famílias. Pois, o bem-estar e o prazer em conviver é essencial para a minimização das dúvidas, receios, bloqueios, tensão e angústias próprios do estágio da adolescência.

O processo de diálogo entre pais e filhos é considerado um grande facilitador das capacidades de desenvolvimento relacionais, e não abrange apenas a comunicação verbal, mas a afetividade e os aspectos não verbais referentes ao estado emocional dessas relações.

Essa afirmação se encontra corroborada no relato das mães, na pesquisa realizada por Araujo e Sperb (2009), quando as autoras destacam que há sim preocupação não só com os papéis sociais parentais exercidos em casa, mas, acima de tudo, com a busca constante pelo diálogo. Ressaltam ainda que,

Preocupação com a moralidade: diz respeito a narrativas referentes à busca da moralidade na construção de limites dos filhos. As mães preocupam-se com a noção de respeito ao próximo, a valorização do bem comum e a observância das regras. Limites desde o início: essa categoria inclui os relatos que apontam a importância de estabelecer combinações e as regras desde o início com as crianças, [Entendendo-se ao adolescente] (ARAUJO; SPERB, 2009, p. 189).

A comunicação entre as partes ocorre pela transmissão não só de ideias e informações, mas, também, de atitude, hábitos e crenças, além dos elementos externos que envolvem a escuta atenta, as expressões faciais e posturas e contato afetivo, considerados símbolos e pistas usados para dar significados às relações.

As autoras Dias *et al.* (2019) retratam a realidade experienciada dos adolescentes, em processo de formação identitária e de construção da personalidade. Elas destacam que eles precisam do grupo, de relações, de interações saudáveis, mas que, devido ao uso constante e sem limites previamente negociados e estabelecidos pelas famílias, isso evoluiu para um ritmo frenético de uso, com comportamentos inapropriados, *cyberbullying*, violência física, transtornos diversos.

Na cultura digital, os sujeitos estão constantemente conectados à internet. A internet é hoje um espaço social fundamental na vida dos adolescentes [...]. Espaços e palavras lançadas no espaço virtual afetam os sujeitos, tocam os seus corpos, despertando afetos. As experiências virtuais têm implicações subjetivas. Desta forma, torna-se fundamental acompanhar os usos que os adolescentes fazem do ambiente virtual (DIAS *et al.*, 2019, p. 12).

O ser humano vive em constantes trocas e interações internas e externas consigo e com o meio em que vive. Por si só, o homem é um ser relacional e de linguagem, comunicação, já que faz parte de um complexo sistema aberto a influência do ambiente externo e interno, por meio de heranças genéticas, potencialidade de relações e convivem e se inserem ao mundo por meio desses contatos existenciais.

A família é o primeiro e principal meio de comunicação do indivíduo em desenvolvimento. E é na qualidade dessas interações e relações presentes e variadas em cada família que a comunicação é estabelecida entre pais e filhos. Os envolvidos

expressam suas necessidades, desenvolvem suas capacidades, reconhecem e convivem com suas diferenças, respeitando suas crenças e comportamentos.

Essas diferenças de identidades e de metas entre pais e filhos podem afetar a comunicação, gerando a desigualdade e o afastamento na relação familiar. O clima dessas relações interpessoais é estabelecido entre os membros da família, enfatizando o crescimento pessoal e a sustentação das relações familiares.

Os adolescentes passam por várias mudanças, típicas e universais, e os padrões dessa fase estão associados a divergências e adaptações entre as expectativas dos pais e dos próprios adolescentes. As diferenças que ocorrem na relação de pais e filhos adolescentes e os seus interesses vão sendo cada vez mais nítidas, podendo causar uma ruptura entre eles.

A interação e diálogos entre pais e filhos ocorre por meio de estratégias de comunicação, tendo como fator prioritário a dinâmica dessa relação. Nessa transição para a adolescência, as famílias vivenciam diversos e complexos desafios, estabelecendo novas trocas nas relações. É esperada a participação desses adolescentes na dinâmica familiar mais ativamente, buscando novos recursos e estratégias para garantir vantagens e privilégios em seu desenvolvimento e conseguir expressar suas emoções. Desta forma, é reforçada a importância da relação entre pais e filhos adolescentes em suas peculiaridades e potencialidades.

É nessa comunicação que os membros precisam tomar consciência da importância das relações entre si na promoção de um clima mais harmônico e saudável no desenvolvimento de todos da família. Para Dias *et al.* (2019, p. 12), “O adolescente busca um Outro humanizado que, com a sua presença, autentique a sua palavra, acolhendo no laço social o que ele porta de mais singular”

Durante a transição para a adolescência, as famílias vivenciam desafios e diversas trocas comunicacionais, principalmente porque, de uma geração para a outra, existem redefinições na dinâmica familiar, emoções e percepções em alternância e inconstâncias, por causa do enfrentamento do jovem nesse estágio. O

adolescente busca aceitação de seu grupo. Ele busca evidenciar-se, sobressair-se e encontrar “seu lugar”, durante a constituição de sua identidade e formação de sua personalidade. Isso causa enfrentamento, instabilidades no contexto familiar entre seus membros e altera o clima funcional da família. Esses comportamentos exigem maior assertividade e boa argumentação dos pais frente ao estabelecimento do bem-estar de todos.

O afeto, o apoio e a comunicação familiar transmitem ao adolescente segurança, propensão a maior assertividade na relação e na estabilidade do clima emocional familiar, favorecendo a autoestima e autoconfiança do jovem. “Os padrões de interação familiar envolvem, portanto, graus de flexibilidade relacional e coesão, bem como a abertura ao diálogo e o uso constante da afetividade entre seus membros, em busca de autorregulação da relação.” (SENNA; DESSEN, 2012, p. 98).

No âmbito das relações parentais na família, as autoras destacam, a partir da citação de Kreppner (2003, p.115), “a identificação dos conteúdos associados à qualidade das relações familiares e dos padrões de comunicação que promovem relacionamentos mais positivos”. Isso pode possibilitar o desenvolvimento de ações mais efetivas na, e para a família, uma educação mais centrada, favorecendo a coesão e comportamentos saudáveis na relação dentro e fora do meio familiar, gerando, por fim, competências sociais esperadas para este estágio de desenvolvimento.

Assim, a comunicação e a forma como são passados os ensinamentos familiares, a afetividade e o diálogo no estabelecimento de regras, limites e amplitude das responsabilidades do adolescente é fundamental para uma convivência saudável dentro da família e no âmbito social, no qual o jovem em desenvolvimento se espelha para se constituir como pessoa.

As relações familiares com a introdução das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), principalmente após o advento da internet, redes sociais e jogos mais interativos nos *smartphones*, têm sido mais difíceis que no passado. A demonstração de afeto ficou mais distante e menos constante (CAMPOS, 2020).

Ao citar Garfinkel (1985), Campos (2020, p. 55) nos adverte:

A relação pais e filhos é uma das grandes expectativas, crença e confiança [...] e de grande desapontamento, descrença e traição. O pai não é tudo o que, inicialmente, parece ser. Na realidade, conforme a maioria dos homens de minha pesquisa indica, os homens que eles desejavam amar ao máximo e de quem desejavam estar mais próximos possível – seus pais – foram aqueles que menos conseguiram ser íntimos. O aliado é revelado rival. O herói tem duas faces.

Omer e Fleury (2020) afirmam que os pais perderam a força, pois estão mais solitários. O encolhimento da família externa é um fenômeno mundial. Os pais recebem pouco apoio de avós, irmãos e vizinhos. A família reduzida hoje está cada vez mais isolada; os pais perderam força porque a autoridade que exerciam lhes fora tirada tanto pela sociedade quanto pelos novos valores e ideais educacionais, e com o advento da internet isso agravou ainda mais.

Segundo Dessen (2010, p. 203), “Estudar a família em desenvolvimento em contextos sociais e culturais em constantes transformações constitui um desafio para os pesquisadores da área de Psicologia do desenvolvimento familiar”. Para ela, ao longo das décadas, as mudanças que se inscreveram na sociedade contemporânea trouxeram como consequência, alterações na estrutura e funcionamento da família (DESSEN, 2010).

No passado, os adultos representavam o conhecimento e a sabedoria; hoje, esse papel foi assumido pela *web* e as crianças e adolescentes estão mais conectados e atualizados do que eles. A fonte de conhecimento está literalmente nas mãos das crianças e adolescentes. O que vemos na contemporaneidade, é que os pais, sem saber que atitude tomar, são tentados a arrancar os dispositivos eletrônicos dos filhos, utilizando como forma de punição, dizendo ser a única forma que funciona, porém são incapazes de sustentá-las e acabam abrindo mão.

Reconhecer-se como filho é também importante no processo de desenvolvimento destes adolescentes. Ter-se como pertencente, de fato, àquele ambiente familiar, àquela família. Mas, a crescente ausência dos pais, mesmo quando estão fisicamente perto, mas

estão em seus respectivos *smartphones*, assim como seus filhos adolescentes, tem chamado a atenção de diversos pesquisadores. Quanto à educação destes filhos, há um descomprometimento e uma espécie de terceirização da educação familiar à escola, as cuidadoras/babás, pois o tempo laboral é extenso e a família, muitas vezes, fica fora da lista de prioridades quando se chega em casa, pois se quer descansar, e se conectar o mais breve possível, ampliando a distância entre pais e filhos.

Campos (2020) nos evidencia que a família é a unidade básica e imprescindível de crescimento e experiência constitutiva e formativa na construção do sujeito, de desempenho ou falha. É também a unidade básica de promoção de um desenvolvimento saudável ou patológico. É, assim, contraditória e paradoxal, sendo indefinível em um conceito estático e permanente. Contudo, permanece existindo em suas diversas formações e necessidades enquanto núcleo central da estruturação do sujeito.

A qualidade de tempo precisa existir na relação familiar. Pais e filhos precisam ter seu tempo juntos, buscando alguns momentos durante a semana. Isso já proporcionará uma relação mais saudável entre mãe-filhos adolescentes e pai-filhos adolescentes, e, por fim, ambos com seus filhos. Essa perspectiva gera sujeitos mais afetivos, voltados a seu lar, sem deixar seu grupo social, suas relações virtuais rasas e inseguras. Contudo, ampliará e fortalecerá a parceria, confiança, autoestima, o diálogo e a troca de afetos em seu núcleo familiar, formando pessoas mais preparadas para o bem-viver em sociedade e individualmente terá uma perspectiva mais centrada de si mesmo.

2.5 O USO DAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES FAMILIARES

Nos últimos anos temos observado alterações na forma de comunicação entre as pessoas a partir das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), que têm possibilitado mudanças culturais, sociais, econômicas e políticas. Essas novas tecnologias incorporam-se cada vez mais em nossas vidas e as mais significativas delas são o computador, tablets e *smartphones*. As pessoas passam horas frente aos

equipamentos, conectados à rede, algumas vezes por necessidade e outras buscando relacionar-se de forma virtual.

Em 2018, Pierre Lévy em seu livro "Cyberculture: Perceptions of the Digital World", apresenta uma análise da cultura tecnológica em ambientes virtuais e suas implicações para a sociedade contemporânea e discute a identidade digital, a interação social online e a transformação da experiência humana pela tecnologia digital.

Esse autor ainda faz contribuições acerca das implicações da tecnologia digital e da virtualidade para a sociedade e a cultura contemporânea, no que se refere à adolescência. Lévy (1996, 2018, 2019) argumenta que os jovens estão entre os grupos mais envolvidos na criação e uso de tecnologias digitais, e que a virtualidade tem um papel importante na sua formação e desenvolvimento, mas que também podem causar consequências nocivas se mal utilizadas em seu uso excessivo.

"A comunicação assumiu um lugar central nas nossas sociedades" (SERRA, 2007, p.49) seja de forma direta ou indireta, pois vivemos e convivemos em coletividade. A impossibilidade de nos comunicarmos nas relações familiares e grupais como um todo faz com o que indivíduo não se sinta ouvido, atendido, entendido, aceito; faz com que se tenha ruídos/interferências na comunicação, isso leva a queixas, desavenças, isolamentos, violência – no âmbito das relações humanas.

Não podemos não nos comunicar. Afinal, somos seres sociais. Toda comunicação transmite uma informação e expressa um comportamento. As relações interpessoais consideram o indivíduo dentro de um contexto, uma situação social (OSÓRIO, 2003).

Ainda segundo Osório (2003), nos anos 1948, Nobert Erner delimitou um esquema de comunicação: o *emissor*, que envia a mensagem; o *canal*, por onde passa essa mensagem; e o *receptor*. Havendo, portanto, a relação de duas ou mais pessoas nesse processo.

Todo processo da comunicação tem aspectos referenciais (conteúdo) e conativos (emoções e relação com o objeto ou pessoa). Os interlocutores dão sentido ao contexto da mensagem, a interpretam. Há intercâmbio comunicacional em toda expressão verbal ou não-verbal, no comportamento, expressão, gesto ou palavra – até mesmo no silêncio – cabendo a cada parte envolvida a interação, a síntese e compreensão ou não de cada forma de expressão.

Todo comportamento é uma situação comunicacional e não estamos sabendo lidar com essas expressões nem conviver mais profundamente com suas formas de externalização de maneira saudável, quer na família quer na sociedade.

Na Contemporaneidade, com o advento das TICs, a inovação da internet, das redes digitais de relacionamento/comunicação, abrangeu-se um universo de pessoas e relações que estavam distantes, e, por outro lado, por causa desse fascínio e seu uso exagerado, houve o distanciamento das relações do convívio familiar.

A chamada “era da intercomunicação”, segundo Castells (2013), traz em seu contexto novas formas de comunicação social que acontecem em redes descentralizadas por um aspecto – de ser multi e diversa, sem um centro norteador único e unilateral, e concentradas (por vezes extremadamente) por pessoas que inserem conteúdos, críticas, até mesmo opiniões inflamadas e fora das resoluções de convivência social e regras normativas de relações nesse ambiente.

A “filtragem” e a organização dos parâmetros de uso possui normas frágeis, mas a cobrança social dentro deste espaço se faz, na maioria das vezes, pelas cobranças e moderações de pessoas em redes de trocas, pela mídia e colaboração em geral. O ciberespaço é uma ressignificação comum da humanidade, uma atualização do espaço virtual da linguagem e da cultura (SILVA; FARIAS; COELHO, 2022).

Essas incoerências marcam as famílias e suas relações, que são frágeis, mesmo tendo vínculos fortes de núcleo central de afeto, sociabilidade, acolhimento e sustento. Devemos, pois, buscar conciliar o mundo digital virtual e a realidade vivida em nossos

contextos de relações, de forma e conteúdo presencial, na nossa própria família, pois o impacto disso tudo aparenta estar gerando turbulências e afastamento do sentido e sentimento de pertencimento e família; e distorções no modo de convivência, tornando as relações doentias, violentas, excludentes, criando vazios psicológicos, emocionais e existenciais no ser humano, principalmente nos mais jovens.

Precisamos levar em consideração que essa inovação na forma de acessar informações, conteúdos diversos, lazer e de comunicação deve ser tratada com consciência, disciplina, regras para seu melhor aproveitamento, sem abusos ou excessos.

Para Serra (2007), a análise funcional dos efeitos e influências do mundo virtual digital se mede na educação e na relação familiar. Os desafios de criar filhos neste mundo em mutação geram muitas dúvidas, questionamentos, incertezas. Pais e educadores, parecem necessitar estarem sempre abertos a aprender. Ampliar os recursos de comunicação contribui para aproveitar cada dia como oportunidade de desenvolver a capacidade de amar, cooperar, compreender e fazer boas escolhas. Apesar de todas as mudanças, a importância do amor e dos bons cuidados na construção do vínculo permanece em primeiro lugar!

No século XXI, estamos passando por profundas mudanças na maneira de viver, trabalhar e nos relacionar com bilhões de pessoas conectadas por dispositivos móveis, com acesso à informação e produção de conteúdo sem precedentes, em velocidade vertiginosa de evolução tecnológica e sem rumo estabelecido.

Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição dos nós (LÉVY, 1999, p.157).

Vislumbram-se, ainda de acordo a esses autores, talvez mais acertadamente, as palavras de Marshall McLuhan (1964), ao discorrer sobre as tecnologias digitais como extensão do sistema sensorial humano, e, hoje, a Internet, como uma teia nervosa que a todos pode conectar e fazer interagir. Entretanto, muitos estudos têm retratado que esta

mesma facilidade traz consigo um efeito colateral nas relações afetivas. Thomazini e Goulart (2018), ao argumentarem que, ao atingir a sociedade tecnológica a história morreria, apresenta o ser humano como uma máquina sem capacidade para refletir ou interagir diretamente em seu contexto social. Evidencia-se, nessa ideia, que a tecnologia afeta diretamente as relações humanas, distanciando a essência das interações pessoais.

Eisenstein e Estefenon (2011) complementam o exposto acima afirmando que as pessoas estão deixando de sair de casa e se divertir com amigos, preferindo ficar em frente ao computador teclando com outras pessoas. As estruturas de relacionamento social e familiar foram reconstruídas a partir da popularização da Internet na vida das pessoas. Os autores citados revelam que a forma como as famílias contemporâneas utilizam a Internet e os dispositivos eletrônicos pessoais refletem na saúde e funcionamento familiar.

Josgrilberg (2005) comenta que as tecnologias, como meios ou instrumentos técnicos, são apropriados pela sociedade e se transformam em tecnologias sociais, embrenhando-se nos tecidos e junções das relações interpessoais. A Internet, com suas redes sociais virtuais, compromete significativamente a cumplicidade e diálogo familiar, encobrindo dificuldades de relacionamento, principalmente entre pais, filhos e casais. Hábitos familiares, como o diálogo à mesa durante as refeições, foram se perdendo, cedendo lugar às relações virtualizadas.

Conforme Libâneo (2010 apud THOMAZINI; GOULART, 2018), as refeições têm sofrido triste impacto da tecnologia midiática. Famílias preferem sentar-se à mesa diante da TV ligada de modo que os olhares vagueiam do prato para a tela, em vez de descansar no rosto dos convivas. As palavras entre as pessoas cedem lugar para os diálogos das novelas ou a voz do locutor televisivo. Enfim, a relação entre pais e filhos se transfere para o contato virtual com o aparelhinho das notícias e imagens. Desperdiçam-se os poucos momentos de encontro familiar para continuar-se na superficialidade vazia de tanta imagem e ruído. Em outras famílias a Internet substitui a TV. Os jovens devoram rapidamente a comida para correr ao quarto e lá mergulhar no mundo fantástico dos sites. A conversa à mesa parece aborrecida demais em comparação com a enxurrada de

emoções que a Internet provoca. Se a família não abrir o olho, a tecnologia midiática corroerá a beleza dos encontros entre os membros.

A rotina agitada e intensa das famílias, que leva seus integrantes a passarem a maior parte do tempo fora de casa, também colabora para o uso crescente de equipamentos eletrônicos. É cada vez mais comum e popular o uso de aplicativos de comunicação digital que os pais utilizam para monitorar os filhos. Sanar essa necessidade de monitoramento, aparentemente, substitui o diálogo direto e pessoal. Assim, as conversas por meio das mídias sociais estão cada vez mais frequentes, substituindo o diálogo e toda a expressividade gestual e facial que complementa a conversa 'olho no olho'. As reflexões de McLuhan (1964) refletem o impacto do uso quando metaforicamente relaciona o mito de Narciso com as tecnologias, na medida em que somos atraídos pela nossa imagem espelhada, estendida, amplificada por elas.

Esta dissertação também compreende esse momento histórico como uma oportunidade para pesquisar as relações humanas diante do caos universal que estamos vivenciando nesses longos e difíceis anos, com a pandemia do Coronavírus (COVID-19). O ambiente que deveria ser propício para as reuniões familiares, já que todos se encontravam em isolamento social global, deu lugar a famílias que permaneciam muitas vezes distante, desligadas, desatentas conscientemente das relações familiares em casa, no lar. Urge a necessidade de se retomar a busca do bem das relações e a saudável convivência, dos momentos de reunião e de conhecimento mútuo. E isso dá trabalho lapidar. É difícil conviver muitas horas do dia com a família; passou a ser algo novo e inusitado. Logo, há os escapes para o uso exasperado e desesperado das tecnologias, principalmente o abuso de horas na internet e nas redes sociais.

A partir dessa análise crítica e reflexiva acerca das mudanças vivenciadas tanto no âmbito familiar quanto social neste novo contexto, envolveu-se também a prática docente, que exigiu o uso das tecnologias de informação e comunicação para possibilitar a efetivação do processo de ensino-aprendizagem de forma remota e o enfrentamento eficaz dos desafios impostos por essa nova realidade.

Diante desse cenário, Falcão (2021), em sua dissertação de mestrado, intitulada “Parentalidade distraída e Mediação: Uma reflexão sob a égide do cuidado e da responsabilidade parental na sociedade da informação”, ressalta Bauman (2001) quando observa, também, que há um desmoronar da consistência e solidez antes sustentada pela Modernidade, seja no que tange à multiplicidade de relações humanas viabilizadas pela comunicação, o transporte e a tecnologia, ou mesmo pelo vazio das relações para além do mero contato social, passando a vislumbrar-se como sujeito contemporâneo absorvido em meio a dúvidas, angústias e desejos de reconhecimento em meio às multidões.

É a família que deve estipular limites dos impactos da tecnologia da informação, em especial, os *smartphones*, no tempo e a qualidade de sua utilização. Essa virada de complexos contextos dependerá do sujeito e das relações intrínsecas dos membros da família, e como essa conjuntura será administrada.

Harmon e Mazmanian (2013) entendem que a inserção dos celulares na vida das pessoas fez com que distintos discursos surgissem. Foram analisados reportagens, comerciais e discursos que circulam no cotidiano para entender as diferentes concepções que sustentam, ora a visão de benefício, ora a visão de malefício do uso dos *smartphones*. Essas discussões são cada vez mais frequentes e têm levado os pesquisadores a se debruçarem sobre os efeitos do amplo acesso às tecnologias *touch screen* tanto na vida das crianças, adolescentes, como na vida dos adultos.

Estes autores detectam a distinção de duas visões que divergem sobre as consequências advindas da forma com que o ser humano está usufruindo dos *smartphones* e como ele permite que o uso desses dispositivos móveis intervenha em suas relações pessoais. A primeira visão estava pautada na ideia de que os *smartphones* permitem muito mais do que uma integração, já que foi com o advento dessas tecnologias que o ser humano teve um salto na otimização de seu tempo e, assim, ampliou sua produtividade. A integração, o aumento da produtividade e a otimização do tempo estão relacionados com o indivíduo poder romper as barreiras entre o trabalho e sua execução em outros ambientes, de permitir que várias tarefas

sejam feitas simultaneamente. Ainda nessa visão, o homem pode desempenhar melhor seu papel de pai, mãe, marido, amigo; e, assim, estreitar os laços relacionais por meio da melhoria na comunicação (HARMON; MAZMANIAN, 2013). Percebe-se que os veículos de comunicação, discursos e experiências relatadas apontam para fortes impactos dos smartphones principalmente nos relacionamentos pessoais, seja para integrar ou desintegrá-los.

2.6 ADOLESCENTES E O USO DA INTERNET E REDES SOCIAIS

A partir da pesquisa realizada para dar suporte teórico à essa dissertação, compreendemos a adolescência como parte de uma construção social, marcada historicamente, de acordo com cada contexto social, econômico e cultural, em que o indivíduo se encontra inserido, e que, em geral, os jovens, a partir dos 11 anos iniciam uma mudança gradual e intensa em termos neurobiológico, social e psicoemocional, dentro de um período estabelecido em cada sociedade (tribal, sociedade moderna/contemporânea ocidental, sociedade oriental etc.). Essas mudanças, muitas vezes, determinam a maneira como a sociedade compreende os(as) adolescentes e gera formas de agir com eles e elas, que varia de acordo com a conjuntura político-social, ideológica, religiosa, cultural e de desenvolvimento dessas perspectivas.

Diante desses parâmetros, o clima familiar fica em um modo relacional tenso, instável e desestabiliza a compreensão deste sujeito em formação, que é o adolescente. Com isso, se não há firmeza nas orientações, abertura ao diálogo, autonomia e o senso estabelecido de direitos e deveres dentro e fora de casa, os adolescentes se encontram inseguros e sem referência para agir e se comunicar, seja dentro de casa, em família, seja no seu meio grupal/social, isolando-se, ainda mais, do contato e da relação presencial com todos.

Com o advento da pandemia, pelo Sars-COV-2 (COVID-19), que nos assolou fortemente por mais de dois anos, fomos obrigados a nos afastar da convivência social presencial, a nos distanciarmos por uma questão de saúde e preservação da vida. As

relações migraram do face a face, do calor humano da presença e do afeto *in loco*, para o interior da casa, dos quartos. Com isso, houve uma desestabilização emocional de todos, quer crianças, quer adolescentes, adultos e idosos. Deixamos o território da comunicação frente a frente, com a interação social e todas as suas nuances de comunicação e comportamentos aceitáveis para a boa convivência em grupo, para o isolamento, inclusive e mais impactante, o psíquico e emocional.

As mudanças abruptas nas relações sociais ante a chegada da pandemia pelo Covid-19 e suas mutações nos obrigou a revermos conceitos, posturas, comportamentos, a sermos mais cautelosos e a mantermos distância uns dos outros, o que elevou o índice de agressividade das pessoas (como vemos noticiados todos os dias). A falta de empatia de muitos, e, principalmente, o não saber mais se relacionar dos adolescentes gerou e gera uma ansiedade desmedida, comportamentos agressivos, sentimentos contraditórios a uma fase da vida que já tem seus percalços próprios, fruto das varrições hormonais e tudo mais que a adolescência irrompe.

A dessensibilização e falta de empatia na relação social presencial, o medo do desconhecido (o outro de fato) na interação presencial e o uso excessivo e prolongado das tecnologias, principalmente do aparelho celular (*smartphones*), à palma da mão, trouxe muito mais prejuízos do que benefícios a esses jovens, como evidenciam diversas pesquisas e em notícias baseadas nestas últimas, mencionadas no decorrer de nossa construção teórica. Importa evidenciar que, segundo Dias *et al.* (2019, p. 4),

[...] há uma interação constante com a mídia sobre os instrumentos e as formas de violência no cotidiano. A intensa atuação da mídia tradicional e da internet tem propiciado o crescimento da “cultura do medo”, devido à exposição diária de casos violentos, de forma que todos passam a acreditar que estão inteiramente vulneráveis ao fenômeno da violência em diversos espaços, sejam eles urbanos ou mesmo os virtuais.

O uso indiscriminado, pelos chamados nativos digitais, da internet e dos seus *smartphones*, criou novas e perigosas formas de relacionamento social virtual, o que acaba, na maioria das vezes, em dependência desse aparelho e das redes sociais que ele facilita o acesso.

Ainda, segundo os autores acima citados,

Identificar a função do elemento midiático na difusão de sentimentos de medo e insegurança vividos cotidianamente é importante para reconhecer que se trata de uma questão que afeta, de forma desigual e injusta, diferentes grupos societários e principalmente crianças e adolescentes. (Dias *et al.*, 2019, p. 4)

A desterritorialização da Internet e os avanços tecnológicos dos aparelhos celulares, cada vez mais multifuncionais, a falta de pertencimento social e cultural, advindos do uso prolongado da Internet com sua globalização e multirreferencialidade, criaram uma ruptura na socialização, principalmente dos adolescentes, que precisam do grupo para ter como parâmetro em seu processo de desenvolvimento, inclusive moral. A família, apesar de estar em casa, muitas vezes, ficou apática e sem reação frente ao não estabelecimento de regras e limites de uso da Internet.

Lévy (2019) enfatiza que a o uso das redes virtuais pode apresentar riscos e desafios para os adolescentes, especialmente quando se trata de questões de privacidade, segurança e bem estar psicológico. Ele destaca que a exposição excessiva às mídias sociais e outras formas de comunicação digital podem levar à sobrecarga de informações e à desconexão da realidade, o que pode ser prejudicial para o desenvolvimento saudável dos adolescentes.

As famílias, como sistema relativamente flexíveis e capazes de efetuarem mudanças e de se adaptarem às várias situações que ocorrem ao longo de suas vidas, são chamadas famílias funcionais. Dentro e fora do contexto familiar, as modificações e o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação altera a interação familiar e social. Dentre essas transformações, podemos citar o aparecimento de conflitos e tensões específicas relativas às TICs.

A comunicação é elo e condição para o convívio e sentimento de pertença do adolescente à família.

Por esse motivo, o diálogo nessa etapa do desenvolvimento assume um papel ainda mais importante, apesar de muitas vezes os adolescentes

buscarem se fechar em seu mundo próprio. Devido a essa tendência à reclusão e à busca de refúgio na fantasia e no devaneio, o diálogo com os membros da família, nessa etapa da vida, é essencial, pois é justamente nesse período que eles mais necessitam da orientação e da compreensão dos pais, sendo que todo o legado que a família transmitiu aos mesmos desde a infância continua sendo relevante (DRUMMOND, 1998 *apud* MACHADO-PRATTA; SANTOS, 2007, p. 254).

Pesquisas como as de Araujo e Sperb (2009), Thomazini e Goulart (2018) e Dias *et al* (2019) apontam que o resultado dessa exposição e uso, cada vez mais precoce e demasiado à internet, por meio de aparelhos celulares, tem sido uma forma de fuga e refúgio para os adolescentes, assim como, um espaço de sociabilidade e construção de subjetividades, de forma deturpada e perigosa na formação do caráter e construção da personalidade do jovem.

É preciso, urgentemente, face às consequências devastadoras, que são noticiadas pela mídia e pelas pesquisas, sobre o comportamento dos jovens, uma atitude mais assertiva, firme, afetiva e empática da família e da escola. Essas, por sua vez, podem proporcionar exemplos para esses adolescentes, estimular as relações presenciais saudáveis e positivas dentro e fora do âmbito familiar (NAVARRO-PÉREZ; PÉREZ-COSÍN; PERPIÑÁN, 2015; VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2009).

A partir dos estudos de Bronfenbrenner e Evans (2000), ao longo de seu desenvolvimento, o indivíduo se envolve em processos de interação recíproca com outras pessoas, culturas, objetos e símbolos. E essas relações possuem características que variam de pessoa para pessoa, de contexto para contexto e de momento para momento; ou seja, é um processo individual e, ao mesmo tempo grupal, pois nas relações constroem-se laços de amizade, de referência/parâmetros para se diferenciar uns dos outros, formação da identidade e da personalidade do adolescente e, inclusive, comportamentos próprios e impróprios socialmente aceitos ou não, a depender da dinâmica estabelecida na convivência social.

A convivência em grupo favorece o desenvolvimento da personalidade, reafirma a identidade do jovem e fortalece sua experiência de vida, ensinando-o a lidar com limites, frustrações, decepções, regras etc., próprios dessa fase de

desenvolvimento. Posto que ele recebe influências não só da família como do ambiente no qual interage.

Durante o período referente a adolescência, o jovem precisa de mais interação e diálogo com a família, pois tende a se afastar um pouco para buscar suas próprias experiências. Isso aumenta a importância da família na construção de uma relação mais próxima e mais aberta com o adolescente, principalmente porque será nessa fase que ele colocará em prática os ensinamentos aprendidos em família, os valores, a ética, a construção social e de convivência que foram construídos desde sua infância.

Nos últimos anos, houve uma explosão no uso da Internet pelos adolescentes. Esse maior acesso ao mundo virtual fez com que aumentassem as horas de uso da Internet por meio de tablets, computadores, notebooks e, principalmente, *smartphones*. De um lado, isso favoreceu a descoberta a novas culturas, maior interação entre pessoas distantes aproximando-as, mas, de outro lado, criou-se um distanciamento dentro da própria família e dos amigos presenciais, com o exagero de horas que se passa usando a internet, o que, em muitos casos, gerou uma relação tóxica, prejudicial ao adolescente e sua convivência familiar, criando até uma dependência desse uso/acesso.

Para Cavalcante *et al* (2017, p.17):

A inclusão digital de adolescentes e o seu comportamento em utilizar destas tecnologias visando à promoção de sua saúde ainda é um desafio. Para suplantá-lo é necessário alcançar alguns objetivos: a necessidade de tornar o uso destas tecnologias para acesso sobre informação em saúde mais significativas; ampliar a conectividade; envolver toda a comunidade escolar no empenho em incluir digitalmente e informacionalmente os adolescentes utilizando o espaço da escola também para esta finalidade; promover a visibilidade das ferramentas da educação à distância como uma possibilidade no contexto escolar e também na promoção da saúde; desenvolver juntamente com os adolescentes o uso responsável das tecnologias da informação estabelecendo padrões aceitáveis de comportamentos e inibindo os crimes cibernéticos

As famílias no contexto atual estão sofrendo mutações com as interferências tecnológicas, com a atualização das diversas ferramentas oferecidas por elas mesmas.

Já nas relações familiares, as coisas estão se apresentando sob diversas formas nas relações. A primeira, aparentemente, é o distanciamento dos membros da mesma família em alguns casos, e, em outros, aproximando-os diante do contexto do isolamento social.

A tecnologia nas relações, ao mesmo tempo aproxima quem está distante, mas, como fica essa relação para quem está perto?

Em seu conceito de Tecnoferência, McDaniel (2015) traz que as interferências da tecnologia podem comprometer a proximidade e a forma das relações entre pais e filhos e na dinâmica de funcionamento da própria família. No final dos anos 1990, os aparelhos celulares foram aprimorados e, nos anos 2000, iniciou-se a chamada “era dos *smartphones*”, trazendo com eles o surgimento das câmeras. Somente em 2012 se instaurou a tecnologia 4G.

É fato que a utilização dos *smartphones* facilitou o contato mais rápido entre as pessoas e que ajudou na comunicação das famílias, amigos e até nos contatos profissionais com quem está distante e até fazer novos amigos. Porém, é insuficiente, no contato face a face, no olho no olho, no afeto. A proximidade se distancia nesse aspecto. McDaniel (2015) ainda reflete mais profundamente, quando nos desafia a observarmos os adolescentes nos ambientes sociais. Não é difícil encontrar grupos sentados cada um com seu celular, fechado em seu mundo virtual, e sem socializar com quem está próximo, contando quantas curtidas tem, gerando até uma competição, uma espécie de jogo.

O uso das novas tecnologias está acontecendo cada vez mais cedo e, muitas vezes, sem requisitos prévios desse uso (tempo limite, tipos de conteúdo permitidos, os dias que se pode acessar os conteúdos...). Os pais oferecem a suas crianças ainda bem pequenas *ipad*, *tablet* e *smartphone* em qualquer espaço/lugar, como recurso para que possam ficar sossegados sem ter que correr atrás de seus filhos, deixando os pais voltados a seus bate-papos e, os filhos, mais acomodados e quietos.

Mas, e as consequências desse excesso de exposição? Será que os pais pensam sobre isso? A utilização dessas tecnologias em demasia e sem critérios de uso deixa as

crianças e adolescentes cada vez mais ansiosos, inquietos e muito intolerantes, além de diminuir o contato relacional físico no mesmo espaço, distanciando, ainda mais, essas crianças e adolescentes uns dos outros em um mesmo ambiente.

O acesso virtual nos dá a ilusão de domínio facilitado, não sabendo que essa utilização gera danos a médio e longo prazo, mental, emocional e social, principalmente dentro de casa.

Não é raro, por todo o exposto nesse estudo e pelas análises das narrativas dos pais e dos filhos adolescentes, que estes estejam mais ansiosos e tenham mais dificuldades em dormir, pois a utilização dos smartphones, nas redes sociais, jogos ou outro qualquer entretenimento oferecido por esse aparelho, deixa esses indivíduos em estado de excitação muito grande provocando cada vez o isolamento social, não só nos grupos externos, como também em suas próprias casas nos relacionamentos e diálogo com seus pais.

As famílias no contexto atual estão sofrendo interferências do uso dos aparelhos *smartphones* (e as diversas ferramentas oferecidas em suas relações). O que vemos são famílias que estão cada vez mais se distanciando, dentro do próprio lar. Desta forma, as relações físicas e afetivas estão cada vez mais difíceis e vêm apresentando um distanciamento entre os membros da mesma família dentro da própria casa.

O impacto das mídias digitais nos adolescentes e nos pais entrecruzam-se na medida em que ao mesmo tempo que essa tecnologia aproxima superficialmente pessoas distantes, amplia o distanciamento das que estão perto, como dentro de casa, do lar. Esse comportamento provoca interretroações e transformações em todos empobrecendo seu meio sociocultural (BOECHAT, 2017).

Os fundadores dos aparelhos mais modernos em termos de comunicação tinham restrições quanto ao uso dos mesmos quando os usuários eram seus próprios filhos. No livro intitulado *Irresistível*, Adam Alter (2018) cita a entrevista de Steve Jobs no ano de 2010. No lançamento do *Ipod*, o renomado criador defendeu a utilização do aparelho como grande facilitador do processo de leitura e comunicação, mas, quando

questionado sobre a utilização do artefato pelos próprios filhos, simplesmente não os permitia ter contato. Quando adolescentes, esses contatos eram regulados com rigidez (ALTER, 2018). O mesmo controle era aplicado por Evan Williams, cocriador do Twitter, que investia em compras de livros para os filhos, mas não os permitia ter uma conta na própria plataforma digital. Isso se dá porque era de conhecimento dos criadores da Apple e do Twitter, respectivamente, o poder altamente viciante das telas e a absoluta necessidade de mediação e construção de limites na utilização das mesmas.

Viver exige relações, interações, mediações e, sobretudo, preparo psicoemocional para as demandas que a sociedade exige. É um processo de assimilação, adaptação, adequação e atualização dos sujeitos para garantir o mínimo de saúde, sustento e relacionamento. Estar incluído no processo socialmente estabelecido faz parte de nosso desenvolvimento. Não é padronizar-se, é ter consciência de quem se é, de seu propósito de vida e buscar alcançar suas metas por meios e caminhos próprios.

O uso recorrente e a exposição exagerada ao longo do dia podem acarretar em vício tecnológico, ou seja, ficar dependente e viver mais em função das mídias sociais do que da realidade pessoal. Acarreta danos às relações conjugais, parentais, sociais, no trabalho, comprometendo o bem-viver (BOECHAT, 2017).

3. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

3.1. DELINEAMENTO DO ESTUDO

A pesquisa apresentada nesta dissertação é de caráter qualitativo, descritivo e exploratório, tendo como base a investigação por meio de estudo de casos, abordagem pertinente ao que se busca conhecer e compreender com este projeto, posto que, “a essência de um estudo de caso é tentar esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões: o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implementadas e com quais resultados” (SCHRAMM; DONALD, 1971, p. 47).

Flick, Von Kardorff e Steinke (2018), em sua abordagem teórico-metodológica em relação à pesquisa qualitativa, enfatizam a reflexividade da intersubjetividade e da contextualização na análise dos dados qualitativos. Eles destacam a necessidade de considerar a complexidade e a diversidade do mundo social, bem como a importância de compreender as perspectivas dos participantes da pesquisa destacando abordagens críticas e reflexivas na análise de dados com a premissa de se interpretar os dados em seu contexto histórico, social e cultural.

Segundo Gil (2017, p. 57-58), “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo ou detalhado”. A construção e interpretação das narrativas nesse processo de investigação servem a três finalidades: “representam não apenas os dados essenciais nos quais as descobertas se baseiam, mas também a base das interpretações e o meio central para a apresentação e a comunicação das descobertas” (FLICK, 2004, p. 45) .

A pesquisa de campo é um ponto sensível e de extrema importância neste estudo, pois busca o contato direto com o meio onde ocorre o problema de nossa pesquisa: a família. As entrevistas foram realizadas exclusivamente pela própria pesquisadora.

3.2. CONTEXTO DA PESQUISA

3.2.1. Participantes

A pesquisa foi realizada com três famílias, quantidade estabelecida previamente, tendo em conta o tempo para realização da pesquisa de campo e a análise dos dados colhidos, dos objetivos traçados para esse trabalho de dissertação e tendo em vista ser este um número suficiente de participantes no contexto de um estudo de casos múltiplos.

Foram estabelecidos critérios de inclusão tais como: serem famílias biparentais, famílias convencionais, formadas a partir da união conjugal de duas pessoas: pai (homem), mãe (mulher) com filhos adolescentes entre 12 a 18 anos de idade, conforme faixa etária delimitada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Na pesquisa, participaram pai (homem), mãe (mulher) e um filho(a) adolescente. Em relação à primeira família (F1), o pai tem nível superior, é engenheiro ambiental e tem 59 anos; a mãe tem nível superior, é pedagoga e tem 57 anos; a adolescente é do sexo feminino, tem 17 anos e é estudante do Ensino Médio; a família reside em Salvador/Bahia.

Em relação à segunda família (F2), o pai tem nível superior, é administrador e tem 54 anos; a mãe tem nível superior, é advogada e tem 53 anos; a adolescente é do sexo feminino, tem 14 anos de idade, cursa o Ensino Médio; eles residem em Feira de Santana/Bahia.

Em relação à terceira família (F3), o pai tem nível superior incompleto, é vigilante e tem 46 anos de idade. A mãe tem nível superior incompleto, é gerente administrativo, tem 33 anos de idade; o adolescente é do sexo masculino, tem 14 anos e cursa o Ensino Fundamenta II; eles residem na cidade de Euclides da Cunha/Bahia.

A pesquisa de campo foi realizada em três cidades da Bahia, pois, cada família residia em municípios e realidades diferentes, com intuito de praticar os estudos em diferentes realidades. Também se optou por escolher famílias de classe média. Tendo em conta que as famílias eram de diferentes cidades, as entrevistas foram realizadas por meio virtual, de acordo com a Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016 e o ofício circular nº 1/1021/CONEP/SECNS/MS, DE 24 DE FEVEREIRO DE 2021.

As famílias participantes foram selecionadas por conveniência por meio da rede de contatos da pesquisadora. As famílias foram designadas por família 1, 2 e 3. Assim sendo, para citar as falas dos membros dessas, utilizaram-se as seguintes siglas: MF1 para a mãe da família 1; PF1, para o pai da família 1, e AF1, para o/a adolescente da família 1. Portanto, as demais famílias serão nomeadas modificando somente o número como: MF2, mãe; PF2 para o pai, e AF2 para o/a adolescente. Na família 3: MF3 – mãe; PF3 – pai, e AF3 o/a adolescente.

3.2.2. Instrumento de Coleta de Dados

Como instrumento de pesquisa, foram utilizados dois roteiros: 1. Roteiro de entrevista para os pais e 2. Roteiro de entrevista para os adolescentes, ambos com questões semiestruturadas e abertas, elaboradas pela pesquisadora. As entrevistas foram realizadas com os membros das famílias, separadamente, sendo iniciadas com o pai e a mãe e, no segundo momento, com o/a adolescente. Esta estratégia foi adotada para não haver interferências no processo, considerando a revisão de literatura.

Os roteiros de entrevista foram compostos com 12 perguntas abertas e norteadoras direcionadas especificamente para os membros participantes da pesquisa. O aplicado aos pais traz perguntas do tipo: em sua opinião, quais os maiores desafios em ser pai e mãe na educação de filhos (as) adolescentes? O período utilizado pelo seu filho(a) com os smartphones impacta na relação entre vocês? De que forma? Já para os adolescentes, foram direcionadas perguntas tais como: quanto tempo você passa usando

o smartphone por dia? Em sua opinião, a utilização do smartphones veio atrapalhar ou ajudar a sua vida social?

Deixou-se igualmente espaço aberto para a contribuição adicional dos pais e filhos que fossem pertinentes à temática desta pesquisa, sua pergunta norteadora e objetivos.

3.2.3. Procedimentos

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UCSAL e obteve aprovação (CAAE: 64112622.9.0000.5628) (ANEXO A). Após isso, a pesquisadora Sandra Ribeiro Bastos Silveira, utilizando os critérios de inclusão, convidou para participar do estudo pessoas residentes nos seguintes municípios: Euclides da Cunha/Bahia, Feira de Santana/Bahia e Salvador/Bahia.

Previamente à coleta dos dados, a pesquisadora enviou para os participantes os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) respectivo para conhecimento e assinatura registrando o seu aceite, a saber: para os pais, o TCLE relativo à sua participação como voluntário na pesquisa e o relativo à autorização para a participação do filho adolescente; com esta autorização, foi enviado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para o adolescente. Estes documentos bem como o Termo de Confidencialidade e de Assistência Psicológica

Após o consentimento dos participantes, foram realizadas as entrevistas de forma on-line (remota), pela Plataforma Google Meet, em dia e horário que foram combinados entre as partes, em ambiente reservado e privado para ambas as partes para garantir o anonimato e sigilo das informações bem como para evitar que houvesse alguma interferência externa.

As entrevistas duraram cerca de 60 minutos e foram gravadas por áudio e vídeo, mediante prévio consentimento dos participantes, para facilitar a posterior transcrição de

forma fidedigna. Foi realizada observação assistemática e factual, com anotações do comportamento durante o processo da entrevista.

Devido ao caráter confidencial, foi mantido o sigilo das informações pessoais quanto ao nome real dos participantes, como forma de preservar suas identidades. Sendo assim, será utilizado P para identificar as falas do pai; M, para a mãe; A para o adolescente e F, para a respectiva família. As informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos.

Não houve nenhum desconforto ou intercorrência durante as entrevistas; ao contrário, ocorreram de forma tranquila, tanto no que diz respeito aos participantes, como aos equipamentos tecnológicos utilizados.

3.3. ANÁLISE DOS DADOS

As gravações realizadas das entrevistas foram transcritas integralmente pela pesquisadora e as informações foram produzidas a partir de dados coletados, sendo uma composição descritiva e explicativa, através de narrativas científicas de acontecimentos verificados por observação e pelas respostas nas entrevistas, e, ainda, a revisão de literatura quanto ao respectivo tema e objetivos desta pesquisa, visando responder à questão-problema da pesquisa.

Segundo Flick (2004), o procedimento metodológico concreto de análise do conteúdo inclui basicamente três técnicas: na primeira, *abreviação de análise*: após transcrição de todo o material, são separados trechos e paráfrases de maior importância/ênfase; na segunda etapa, há a *análise explicativa do conteúdo*: uma análise mais estruturada, que busca definir o que o entrevistado realmente quis dizer na sua resposta. Usa-se dicionários para interpretação correta do contexto e das orações destacadas da entrevista; por fim, na terceira fase, é realizada a *análise global*, em que a questão da pesquisa é transportada diretamente ao texto, fazendo-se uma leitura do

mesmo a partir da situação comunicativa evidenciada na pergunta da entrevista e em sua resposta.

Buscou-se se servir dessas técnicas para se chegar à criação de categorias de análise baseando-se na revisão de literatura e nos roteiros de entrevista.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Quadro 1 traz informações detalhadas sobre as famílias e seus respectivos membros.

Quadro 1 - Características sociodemográfica dos participantes do estudo

	PARTICIPANTES	SEXO	IDADE	PROFISSÃO	CIDADE ONDE MORA	NÍVEL DE ESCOLARIDADE
F1	Pai	M	59	Eng. ambiental	Salvador	Superior
	Mãe	F	57	Pedagoga	Salvador	Superior
	Adolescente	F	17	Estudante	Salvador	Ensino Médio
F2	Pai	M	54	Administrador	Feira de Santana	Superior
	Mãe	F	48	Advogada	Feira de Santana	Superior
	Adolescente	F	14	Estudante	Feira de Santana	Fundamental II
F3	Pai	M	46	Vigilante	Euclides da Cunha	Sup. Incompleto
	Mãe	F	33	Gerente adm.	Euclides da Cunha	Sup. Incompleto
	Adolescente	M	14	Estudante	Euclides da Cunha	Fundamental II

Fonte: elaborado pela autora

As entrevistas foram conduzidas com três famílias constituídas por pai, mãe e filho(a). A idade média foi de 53 anos para os pais, 46 para as mães e de 15 anos para os filhos. Os entrevistados eram provenientes de três cidades baianas: Salvador, Feira de Santana e Euclides da Cunha. O nível de escolaridade dos pais foi majoritariamente de nível superior completo em que apenas um casal possuía nível superior interrompido. Dois dos três adolescentes entrevistados pertenciam ao sexo feminino e apenas um destes já se encontrava no ensino médio.

4.1 CONCEPÇÕES E RELAÇÕES FAMILIARES

Embora o conceito familiar permeie as emoções no âmbito da convivência, pais e filhos divergiram quanto à prioridade dos conceitos. Os pais e as mães sobrepõem a estrutura familiar às emoções, como afirmado por PMF1:

Para mim família é base de qualquer indivíduo, traz conforto, confiança, sustentabilidade em situações onde às vezes são situações adversas, é um lugar de aprendizado, aprender valores, costumes, aprender a respeitar o outro. É um espaço de afetos, apesar de alguns desafetos, é o espaço de convivência com o outro. (PMF1)

Para seus filhos adolescentes, a proximidade entre os membros familiares antepõe essa concepção, como assegura a AF1, “Família é aquele grupo que está sempre com você, não necessariamente a de sangue, embora a minha seja assim, bem próxima, mas acho que família é você apoiar, ficar junto”.

Já a AF2 declarou que “Família são pessoas que pode contar sempre, que estão sempre por perto, sempre juntos da gente”.

Enquanto os pais conceituam a família como base, unidade, pilar, conforto, confiança, prioridade, trazendo o conceito desta instituição como construção social e espaço indispensável para a garantia da sobrevivência (LINO, 2009), as mães destacam também a questão afetiva através da aprendizagem de valores, costumes, respeito mútuo e espaço de convivência. O PF2, apoiado pela MF2, sustenta que

família é uma unidade, é um núcleo, onde se congrega alegrias, tristezas, anseios, vitórias e todo aglomerado de emoções, de vivências, onde se desenvolvem toda concepção de responsabilidade, proteção, ajuda mútua, carinho, atenção, de estar próximo para levar sempre o que há de melhor para sua família. (PF2)

MF3 comentou que “Família é estar juntos, conversar, observar e cuidar”.

Esta perspectiva assemelha-se à ideia de Alencar (1985), que traz a família como força modeladora, garantindo aos seus membros a socialização por meio da transmissão de valores, crenças, costumes sociais, além da responsabilidade de possibilitar a união dos membros baseada no amor e no afeto. Por outro lado, os adolescentes (AF1; AF2) conceituaram a família como um grupo, pessoas consanguíneas ou não, que apoiam e ficam sempre perto. Segundo AF3, “família são aqueles que te apoiam, que te amam, em qualquer circunstância, não importa a sua opção, sua escolha”.

Nas últimas décadas, as famílias experimentaram várias mudanças socioeconômicas e culturais. Em certas épocas e culturas, as relações parentais eram autoritárias, apoiadas em pilares conservadores da sociedade, em que o marido era chefe da família e detentor da autoridade. Na contemporaneidade, as famílias passaram por ajustes importantes para um desenvolvimento de relação saudável, baseada no respeito das individualidades. Donati (2011) defende essa afirmativa, transformando a abordagem relacional sincrética no reconhecimento de suas peculiaridades, da originalidade da relação familiar distinta de todas as outras relações.

Sob essa perspectiva, PF1 relatou que, apesar da relação com sua filha ser excelente, existem discordâncias e reconhece que os desentendimentos são provenientes de questionamentos e exigências causados por resquícios dessa concepção de autoritarismo parental. PF2 trouxe um relato similar, baseado nesse papel de pai protetor, principalmente no que diz respeito às amizades e locais frequentados.

Contudo, um dos motivos mais recorrentes dos desentendimentos familiares tem sido o uso exagerado e inadequado dos *smartphones* como relatado pelos entrevistados PF2, PF3 e MF3.

A PF2 diz sobre a relação com sua filha:

eu acho que é a melhor possível, sempre existe as discordâncias, mas no geral minha filha é maravilhosa e eu é que sou o problemático em tudo. Eu brigo, ela fala que reclamo de tudo, brigo com tudo, mas na verdade minhas brigas são questionamento, exigências; eu sou meio metódico, mas o relacionamento como um todo é muito bom. (PF2)

O PF3 afirma: “converso bastante” e a MF3 confirma “converso bastante com ele, oriento principalmente em relação ao celular que está sendo um desafio muito grande”.

Diante desse cenário do uso exagerado dos *smartphones*, relatado pelas famílias e suas relações, Harmon e Mazmanian (2013) entendem que a inserção dos celulares na vida das pessoas fez com que distintos discursos surgissem. Elas analisaram reportagens, comerciais e discursos que circulam no cotidiano para entender as

diferentes concepções que sustentam, ora a visão de benefício, ora a visão de malefício do uso dos *smartphones*.

Essas discussões são cada vez mais frequentes e têm levado os pesquisadores a se debruçarem sobre os efeitos do amplo acesso às tecnologias *touch screen* tanto na vida das crianças, adolescentes, como na vida dos adultos. As consequências advindas da forma com que o ser humano está usufruindo dos *smartphones* e como ele permite que o uso desses dispositivos móveis intervenha em suas relações pessoais.

A ideia de que estes dispositivos permitem muito mais do que uma integração, já que foi com o advento dessas tecnologias que o ser humano teve um salto na otimização de seu tempo e, assim, ampliar sua produtividade. Essa integração, o aumento da produtividade e a otimização do tempo estão relacionados com o indivíduo poder romper as barreiras entre o trabalho e sua execução em outros ambientes, de permitir que várias tarefas sejam feitas simultaneamente.

Ainda nessa visão, a pessoa pode desempenhar melhor seu papel de pai, mãe, marido, amigo, filho(a), e, assim, estreitar os laços relacionais por meio da melhoria na comunicação (HARMON; MAZMANIAN, 2013). Percebe-se que os veículos de comunicação, discursos e experiências relatados apontam para fortes impactos dos *smartphones* principalmente nos relacionamentos pessoais, seja para integrar ou desintegrá-los.

4.2 USO DAS TECNOLOGIAS PELOS ADOLESCENTES

As tecnologias, como todas as invenções humanas que englobam a capacidade física, motora, sensorial, facilitam o trabalho, contribuindo para as relações e proporcionando prazeres. Através dela, podemos determinar o estilo de vida de toda uma sociedade, a partir de uma conduta de controle, com a cultura e com os sujeitos nela inseridos (CORRÊA *et al.*, 2015). Nos dias atuais, o uso dos

smartphones se tornou uma ameaça, mas também um impulsionador no desenvolvimento dos jovens. A periodicidade do uso é associada ao despertar da curiosidade, o desejo de explorar um mundo de infinitude, que é este mundo tecnológico.

A Sociedade Brasileira de Pediatria - SBP apresenta indicadores significativos da última pesquisa realizada pela TIC KIDS ONLINE-Brasil de 2015 (2016), dentre eles: do universo de 29.7 milhões da faixa etária entre nove a 17 anos de idade no Brasil, 23.7 milhões ou 80% são usuárias de internet; 66% acessam a Internet mais de uma vez ao dia. O telefone celular se tornou o principal dispositivo em 83%; 21% dos adolescentes deixaram de comer ou dormir por causa da internet; 17% procuraram informações sobre formas de emagrecer; 10% formas para machucar a si mesmo; 8% relataram formas de experimentar ou usar drogas e 7% formas de cometer suicídio. Já 39% tiveram contato com pessoas que não conheciam pessoalmente e 18% encontraram-se com desconhecidos – considerando que na faixa etária entre 15-17 anos este dado cresce para 27%.

Segundo a percepção de quanto seus pais ou responsáveis têm conhecimento das suas atividades na Internet - em 11% das famílias os pais nada sabiam sobre as atividades de seus filhos e em 41% sabiam mais ou menos. Dessa forma, a SBP recomenda que os adolescentes não devem permanecer isolados nos seus quartos.

Os pais precisam estabelecer limites de horário e mediar o uso da tecnologia. Os pais devem manter o diálogo e abordar sobre valores familiares e regras de proteção social para o uso saudável, construtivo e crítico das tecnologias. Aproveitar oportunidades para conviver com a família e compartilhar momentos de prazer sem o uso da tecnologia. Planejar atividades longe do *Wi-fi* ou de celulares e computadores, realizar as refeições sem qualquer uso de tecnologias à mesa, entre outros cuidados.

Os pais vão sendo forçados a assumir novas posturas no sentido de orientar os filhos, à medida que as consequências das novas tecnologias na vida familiar vão acontecendo. No entanto, enquanto nenhum prejuízo evidente acontece, a família vai

acomodando essa interação de forma pouco consistente e até mesmo desorientada (WAGNER *et al.*, 2005).

Os adolescentes participantes da pesquisa relataram gostar muito de tecnologias utilizando-a para acessar jogos, ouvir músicas, assistir vídeos ou conectar-se às redes sociais. A fala do AF2 retrata uma visão limitada do poder dessa tecnologia: “Não é esse o papel das tecnologias? A distração? Quando não estou fazendo nada fico na TV ou utilizo o celular.”

Embora usem televisão e outras formas de tecnologia, o *smartphone* é o utensílio mais utilizado pelos jovens. Ainda assim, o AF3 relata que gostaria de usar mais o computador, mas só tem acesso ao *smartphone* que se configura comparativamente como uma ferramenta de manuseio mais fácil, maior portabilidade e custo/benefício relativamente mais acessível. Em relação ao objetivo, todos os jovens entrevistados demonstraram que usam a tecnologia principalmente para lazer estando as redes sociais no topo da preferência.

4.3 USO DE *SMARTPHONE* PELOS ADOLESCENTES

Os *smartphones* são considerados uma parte essencial da vida cotidiana, presentes em todos os grupos etários e demográficos. Estima-se que 77% da população do mundo possua um *smartphone*, que está aliado ao hábito e costume de, por exemplo, enviar mensagens instantâneas e de texto em particular, isso tem surgido como um método rápido e de baixo custo da comunicação (SCHABRUN *et al.*, 2014).

Os *smartphones* ultrapassaram os computadores e se tornaram os aparelhos preferidos do brasileiro para se conectar à internet em 2014, mostra a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015). Os dados referentes a 2014 indicam, ainda, pela primeira vez, que a internet chegou a mais da metade das casas brasileiras, 29,6

milhões das 36,8 milhões de casas conectadas dispõem de um telefone celular para se conectar, o que representa 80,4% do total (IBGE, 2015).

Em pleno século XXI onde a tecnologia está cada dia mais avançada, as pessoas adquirem doenças e problemas psicológicos frequentes. A tecnologia com os processos de automação leva as pessoas a assumirem uma vida sedentária, já que, a comodidade, rapidez e flexibilidade na aquisição de informação diminuem o esforço das pessoas em buscar fontes alternativas de lazer, trabalho e estudo (MATTOSO, 2010, p. 31).

Frente ao cenário apresentado, destaca-se a necessidade de fomentar dados referentes ao uso excessivo do *smartphone* e suas consequências para direcionar ações e preencher lacunas, conforme previamente alerta a Organização Mundial da Saúde.

A utilização indiscriminada da tecnologia por adolescentes pode provocar um desequilíbrio em seus aspectos cognitivo e afetivo, fator que acaba por facilitar o desenvolvimento de transtornos de atenção, transtornos obsessivos e problemas de linguagem e comunicação (PAIVA; COSTA, 2015). Ao mesmo tempo em que o meio digital funciona como um instrumento facilitador da vida, acaba exercendo uma pressão intensa nas pessoas devido ao imediatismo em função da rapidez da informação, o que resulta em alguns problemas como estresse e ansiedade (ROSSI *et al*, 2015).

Costa (2011) afirma que as inovações tecnológicas nada mais são que a informação que busca técnicas novas de compartilhamento e disseminação trazendo recursos e técnicas que têm mudado muito o rumo das nossas vidas e das trocas nas relações entre os membros da família. As famílias expuseram suas vivências trazendo sua observação social sobre os pontos positivos e negativos da utilização dessas tecnologias. PF1, por exemplo, trouxe a importante percepção da transformação da vivência infantil nos ambientes públicos, saindo de uma brincadeira ativa para o sedentarismo da utilização dos smartphones. Este mesmo entrevistado relata que “apesar da tecnologia muitas vezes encurtar distâncias, possibilitando contato entre familiares em diferentes locais, em alguns momentos pode separar pessoas em um mesmo ambiente, através do seu uso desmedido.”

Este mesmo argumento é discutido por Thomazini e Goulart (2018), trazendo a tecnologia como articuladora de pessoas com rapidez, porém, também distancia as relações interpessoais com a mesma velocidade.

Ainda sobre esta utilização exagerada, PF1 e MF1 relatam a dificuldade de controlar e moderar a utilização dos celulares pela filha adolescente, principalmente porque até mesmo atividades escolares utilizam este equipamento. O PF1 relata o seguinte:

As tecnologias têm seu lado bom, é fato, aproxima as pessoas, mas também afasta. A pandemia potencializou o uso, bem complexo porque a tecnologia veio para ficar, ela tem seu lado muito bom né? Mas também tem aquele outro lado que de certa forma deixa prejudicar um pouco, e, se não tiver limites, é pior. Às vezes não conseguimos dar limites, acaba cedendo e perdendo o controle, deixando ficar por pena; terminamos saindo da exigência dos castigos, abrindo mão. (PF1)

No entanto, MF1 traz ainda a percepção de que este não é um processo individual de sua filha e que percebe parecer ser um comportamento frequente dos adolescentes estarem no mesmo ambiente e, ainda assim, se comunicarem por intermédio dos celulares. Senna e Dessen (2012) relatam a importância deste processo de “ajuste e conscientização” por meio da imposição de limites, regras, responsabilidades, descobertas no âmbito físico, psíquico e social. Nesse momento há uma aproximação maior entre seu grupo social e um afastamento relacional da família em busca de novos desafios e experimentação.

Os entrevistados PF1, PF2, PF3 e MF2 trazem a concepção de que o uso do smartphone pode ser benéfico, quando de maneira específica e orientada, sendo uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento de habilidades importantes para o futuro. PF3 expõe que “No meu ponto de vista, acredito que a tecnologia possa levar a eventos futuros, a grandes conquistas. Eu não acredito que ela venha só destruir, eu acho que é uma ferramenta muito útil para a vida de qualquer um, em qualquer idade, mas não pode ser 100% na vida”.

Contudo, quando ultrapassado um limiar aceitável, o uso dessa tecnologia pode gerar pensamentos, ações e reações exageradas nos adolescentes. Outra problemática que também emerge dessa perspectiva é a mimetização de ações e comportamentos viralizados em redes sociais. Essa intensa vivência do ambiente virtual pode, inclusive, privar os adolescentes de conexões reais com pessoas e natureza, como relatado pela mãe MF3, “tecnologia prende bastante a atenção e você não se conecta com outras coisas, com a natureza, com quem passa, não observa o mundo em si. Isso depende como e onde você usa.”

Ainda sobre os efeitos dos *smartphones* sobre os adolescentes, o tempo de utilização se demonstra como um importante fator de preocupação. Todos os pais e adolescentes entrevistados da F1, F2 e F3 comentam sobre o longo tempo de utilização dessa tecnologia, que o uso excessivo dos *smartphones* trouxera muitos conflitos, dependência e que foi muito difícil tentar tirar. A MF1 relata que “Não acho o tempo adequado. Às vezes sinalizo e chamo para fazer outra coisa. Mas hoje tudo se faz pelo celular. Existe uma demanda que às vezes é excessiva, mas eu oriento. É algo que ainda é usado em demasia. Quando minha filha era menor era mais fácil, mas agora adolescente é mais difícil”.

Já o PF2 declarou “ela usa demais... tire o *smartphones* de um jovem que você vai ver que eles ficam em abstinência, é como uma droga, fica alucinado querendo mais.”

Os adolescentes da F1, F2 e F3 comentaram que, nos dias atuais, sua permanência no *smartphone* é em torno de 4 a 5 horas diárias e deixaram claro que durante a pandemia seu uso era o tempo integral. AF3 confessa “eu fico em torno de 4 a 5 horas, eu acho que de certa forma atrapalha um pouco a socialização com as pessoas, porque prefiro mais ficar no celular do que aproveitar os momentos e as pessoas que estão por perto.”

Os pais e mães das F1, F2 e F3, apesar de afirmarem não existir uma seqüela emocional em seus filhos, relataram ansiedade e até mesmo sintomas de abstinência nos adolescentes quando em privação do uso destes aparelhos. Segundo a MF3, o seu filho chegou até mesmo a utilizar o celular da avó escondido, demonstrando total dependência

a esta tecnologia; e MF2 relatou inclusive uma perda da qualidade do sono de sua filha. Curiosamente, mesmo com esta percepção, os pais da F3 acreditam que o uso exagerado não influencia as relações sociais do filho e responsabilizam a falta de amizades e de atividades diferentes a serem realizadas por este adolescente. A MF1 disse “Viemos de uma pandemia em que o smartphone era usado 24h. Até na hora das refeições o celular ficava junto; aulas on-line. Minha filha adquiriu esse costume. Eu sempre sinalizo essa questão de usar o celular durante as refeições, se estamos juntos, vamos conversar e muitas vezes nós pais também fazemos isso.”

Já o PF3 relatou que o filho é muito tranquilo “acho que os jogos dele não influencia em sua vida social. Eu acredito que essa necessidade do smartphone é falta de um amigo para acompanhar”.

Este resultado sugere não somente que as tecnologias têm esse poder de gerar vício como, também, uma falta de conhecimento dos pais no que pode vir a ser um comprometimento emocional destes adolescentes. Os especialistas de Bilton se mantinham alertas porque sabiam que projetavam tecnologias irresistíveis, modernas, eficientes e viciantes (ALTER, 2018).

Evan Williams, um dos fundadores do Blogger, do Twitter e do Medium, comprava centenas de livros para seus dois filhos pequenos, mas se recusava a lhes dar um *iPad*. E Lesley Gold, fundadora de uma empresa de análises estatísticas, proibia estritamente que seus filhos usassem qualquer dispositivo com tela durante a semana. Ela só fazia concessões quando as crianças precisavam do computador para fazer alguma lição de casa. Walter Isaacson, que jantava com a família de Steve Jobs quando realizava pesquisas para sua biografia, contou a Bilton: “Nunca vi ninguém com um *iPad* ou computador [na casa de Steve Jobs]. As crianças não pareciam nem um pouco viciadas em aparelhos” (ALTER, 2018).

Uma importante observação dos entrevistados MF1 e PF3 foi a do papel da pandemia no aumento do adoecimento devido ao uso de telas. Durante o isolamento social, esses jovens usaram esse aparelho como forma de se conectar ao mundo, utilizando não somente para lazer como também para assistir aulas on-line, havendo uma

melhora nessa dependência após o retorno das aulas presenciais no ano de 2023. Contudo, as famílias acreditam que sem o evento da pandemia, essa dependência não seria tão intensa. Essa perspectiva também foi relatada pelos adolescentes, afirmando que na pandemia permaneciam muito mais tempo utilizando os celulares, com a finalidade de ocupar o seu tempo diante do cenário incerto e isolamento social.

Segundo Nunes *et al* (2021) a crescente entrada da tecnologia digital no cotidiano do ser humano acarreta novos problemas sociais e comportamentais. Diante desse cenário, o acesso fácil e irracional dos meios tecnológicos pode acarretar esta dependência digital abordada pelas famílias. Essa percepção é inclusive relatada pela adolescente da F1, que confessou sentir-se um pouco dependente do seu smartphone e do mundo em que esta tecnologia a insere. O AF3 confessa que quando afastado do celular sente-se estressado e agitado. A AF1 traz ainda o forte relato de que quando esquece o celular em casa: “Pareço esquecer uma parte de mim”.

A utilização excessiva das tecnologias pode acarretar confusão do real transitando pelo virtual, impedido o adolescente de socializar, prejudicando a interação física e gerar o sedentarismo tecnológico. Os adolescentes entrevistados disseram ter alterado sua relação social e comportamento de um modo geral. A AF1 relatou sua dificuldade de concentração e foco em filmes e atividades mais longas, por ser adepta a utilização do acelerador de vídeos e áudios propiciados por aplicativos: “Eu sinto que, por exemplo, eu me acostumei com vídeos rápidos e aí eu não consigo mais assistir um filme, porque acho tedioso, e eu gosto de filme, e por vezes vídeos mais longos de 15 e 20 min, eu sinto que não tenho mais atenção plena. Eu acho que me acostumei com os vídeos e áudios rápidos”.

Outro relato importante de efeitos negativos é a perda da convivência familiar em troca de mais momentos conectados ao mundo virtual, como relatado pela AF1. A adolescente da F2 também diz perceber esta perda da qualidade da relação, por causa dos diálogos pouco frequentes e desencontrados com os pais. AF3 declarou:

Prejudica, sim, porque não converso muito com meus pais, por causa disso fiquei sem interação social com eles. Comprometeu minha forma de falar, falando gírias e ninguém entende; eles não compreendem. Ficava com o celular na mesa. Depois que minha mãe tirou o meu celular, a gente dialoga,

antes não tinha essa conversa. Hoje apenas comento porque hora de comer é sagrado. (AF3)

Em virtude desta facilidade e comorbidade de uso, os adolescentes estão cada vez mais conectados, aumentando o tempo de permanência on-line conforme constatação por meio de dados disponíveis ao público, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em sua mais recente pesquisa de domicílio em 2013, o que pode resultar neste distanciamento.

Os pais tentam buscar soluções para amenizar estes efeitos, por meio da estratégia de restrição e imposição de limites ao uso dos smartphones, como utilizado pelas três famílias entrevistadas. Os adolescentes da F2 e da F3 reconhecem que após o controle sobre o uso do *smartphone*, a relação com seus pais melhorou, trazendo oportunidade de mais diálogo, principalmente ao que se refere à hora das refeições. Já o pai da F1 confessa não conseguir dar limites à filha na utilização do smartphone, acabando por ceder e abrir mão do controle.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa foi possível observar, diante do cenário atual, que o uso das tecnologias digitais é constante e intenso no cotidiano das famílias, em especial nos adolescentes do grupo de 12 a 18 anos incompletos de idade. O meio das tecnologias digitais é extremamente potente e vicioso. Ele transformou as relações interpessoais, a partir das famílias, desde a inserção das televisões, computadores, tabletes, *ipads*, em especial *smartphones* pela facilidade de adesão e mobilidade e principalmente pelo surgimento da Internet e das redes sociais virtuais.

A relação entre os membros das famílias foi modificada. Essa relação constitui a base de um desenvolvimento afetivo, social e cognitivo dos adolescentes, que nesta fase é de suma importância. A afetividade e atenção dada aos adolescentes pelos parentes e em especial pelos pais, gera um ambiente em que os problemas sejam tratados de forma aberta e saudável, além de criar um espaço favorável para a construção do conhecimento.

Mesmo com todos os benefícios trazidos pelas tecnologias digitais, é explícita, em nossa pesquisa, a preocupação com os problemas sociais, comportamentais e emocionais, principalmente os que afetam aos adolescentes, pois são um grupo ainda em fase de construção da identidade e formação da personalidade, e, devido ao tempo em que se encontram com acesso às telas por estarem nessa idade de intensas transformações biopsicossociais. Registramos aqui nossos receios em relação a possíveis vícios/dependência destes suportes de relacionamento por meio dos aparelhos de *smartphones*.

No que concerne à pesquisa que resultou neste trabalho, a propositura inicial foi alcançada, com ressalvas, ao fato de que as famílias precisam ser mais bem orientadas para terem a noção real dos efeitos negativos dessa superexposição sem regras, estabelecendo-as, previamente, de forma negociada com os adolescentes.

Sob essa perspectiva, notamos em nosso estudo e com nossa aproximação dessas famílias que os próprios adolescentes reconhecem que usam excessivamente o *smartphone* para se relacionarem e postarem “realidades paralelas” ao que vivenciam de fato, com a finalidade de seguir os padrões midiáticos que são impostos por essa cultura da estética e perfeição nas redes digitais. A partir da conscientização dos jovens e dos pais precisa ser feita de maneira gradual, mas persistente, pelas escolas e profissionais de saúde, alertas pelos meios de comunicação como rádios, tvs e as próprias plataformas digitais de relacionamento/socialização.

Notadamente, nos é dado, enquanto pesquisadores e profissionais das áreas interdisciplinares entre educação e saúde, não só a oportunidade de pesquisar para conhecer essa realidade, mas de intervir nessas questões com sugestões às famílias e aos jovens adolescentes que buscam por orientação ou que ainda não percebiam seu estado relacional de dependência desses meios comunicacionais.

Essa pesquisa serve de alerta para que os responsáveis por esses jovens possam desenvolver uma postura mais incisiva quanto aos limites de uso de horas nestes ambientes virtuais. E, também, serve como uma forma de sugerir às famílias o diálogo mais próximo e realista das consequências que todo tipo de excesso gera nas pessoas, quando se perde o controle de tempo e a qualidade de vida em relação ao uso ou prática que qualquer coisa que seja, inclusive, e, principalmente, em nosso caso, do uso das telas dos *smartphones* sem supervisão, cautela ou limites.

Não é tão somente a limitação ou retirada do *smartphone* em si, de forma impositiva, mas sim acordada, oferecendo alternativas diversas para garantir ao adolescente diversificar suas atividades nesse tempo; uma contrapartida para a busca da conscientização desses adolescentes e a substituição por outros afazeres que também lhes sejam atrativos.

Assim sendo, consideramos que nossos objetivos foram atingidos, pois, percebemos pelos relatos e contextos aqui expressos que as relações são sim impactadas pelo uso dos *smartphones* no cotidiano entre pais e filhos, e não apenas esse

aspecto, mas, o afastamento da realidade desses jovens frente a frustrações e dificuldades relacionais no mundo real não virtual.

Percebeu-se, a partir de casos expostos em pesquisas aqui relatadas, que o vício em celulares e outras tecnologias, que retrata a vida de jovens adolescentes acompanhados nessa 'saga' e, as próprias falas de pais/mães, da pesquisa, quanto ao uso excessivo das tecnologias digitais, já que relatam que elas têm provocado diversos problemas, dentre eles está o isolamento social, dependência e aumento ansiedade. As questões levantadas como pontos de investigação foram respondidas a partir desta constatação.

Observou-se, também, que, no campo mental com o excesso de utilização dessas ferramentas digitais, há diversas patologias relacionadas com demasiada quantidade de informações não processadas que terminam por não gerar conhecimento. Foi possível chegar a esta constatação a partir da pesquisa de campo, em que a pesquisadora entrevistou três famílias em três contextos diferentes que, apesar da distância geográfica, enfrentaram situações similares. A metodologia utilizada bem como o seu viés interpretativo de cunho qualitativo foram fundamentais para a consolidação dos achados desse estudo.

Para além das implicações pessoais e da prática profissional da pesquisadora, existia uma intenção de pesquisa já evidenciada a partir das observações dos comportamentos dos adolescentes anteriores e durante o contexto pandêmico, ampliado e potencializado com a pesquisa de campo e as leituras teórico-metodológicas realizadas. Espera-se que esse estudo possa colaborar para pesquisas acadêmicas já em andamento acerca das temáticas aqui abordadas, bem como auxiliar as famílias a estabelecer necessários e saudáveis limites para os adolescentes quanto ao uso dos *smartphones*, reconhecendo-os como uma potência tecnológica que necessita de mediação para a sua utilização.

REFERÊNCIAS

ABECHE, Regina Peres Christofoll; RODRIGUES, Alexandra Arnold. Família contemporânea, reflexo de um individualismo exacerbado? *Estados Gerais da Psicanálise*. 2010. Disponível em:

<<http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos.php>>. Acesso em: 14 mar. 2023

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano. *A criança na família e na sociedade*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

ALMEIDA, Vânia Maria Picanço; MOREIRA, Lúcia Vaz Campos. Colaboradores das famílias na educação dos filhos: vantagens e desvantagens. *In: MOREIRA, Lúcia Vaz Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira (Orgs.). Família e parentalidade: olhares da Psicologia e da História*. Curitiba: Juruá Editora, 2011, p. 187–204.

ALTER, Adam. *Irresistível: por que você é viciado em tecnologia e como lidar com ela*. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

ALVES, Alyne Brandão. Adolescência e a construção da identidade: Análise e discussão da sexualidade e influência da mídia na adolescência. *In: ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, IV, 2016, Rio Branco. Anais [...]*. Rio Branco: ALCAR, 2016. p. 1-13. Disponível em: http://www.alcarnorte.com.br/wp-content/uploads/alcar2016_adolescencia_e_a_construcao_da_identidade_analise_e_discussao_da_sexualidade_e_influencia_da_midia_na_adolescencia.pdf

Acesso em 01/03/2023

AMORIM, Francismare Oliveira de. As Novas Configurações Familiares e suas Repercussões Ambiente Escolar. *In: SEMANA DE MOBILIZAÇÃO CIENTÍFICA – SEMOC, 22, 2019, Salvador. Anais [...]*. Salvador: UCSal, 2019.. Disponível em <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/1272/1>. Acesso em 01/04/2023.

ARAUJO, Greicy Boness de; SPERB, Tania Mara. Crianças e a construção de limites: narrativas de mães e professoras. *Psicologia em Estudo*, v. 14, n. 1, p. 185-194, jan./mar. 2009

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzen. São Paulo: Editora Zahar, 2001

BOECHAT, Ieda Tinoco. *As famílias e as tecnologias digitais: a comunicação pela articulação de vieses não antes explorados*. Curitiba: Appris Editora, 2017.

BRASIL. Constituição (1934). *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil*. Brasília, DF: Presidência da República, [1934]. Disponível em: [Constituição34 \(planalto.gov.br\)](http://www.planalto.gov.br) Acesso em: 29/02/2023

BRASIL. Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 16 Jul. 1990, Seção 1 – p. 13563

BRONFENBRENNER, Urie; EVANS, Gary W. Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, v. 9, n.1, p. 115–125, 2000.

CARDOSO, Jordana; VERÍSSIMO, Manuela. Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, v. 31, n. 4, p. 393-406, dez. 2013.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Tradução de Roneide Venancio Majer. Vol. 1. São Paulo: Paz e terra, 2013

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra *et al.*. Inclusão digital e uso de tecnologias da informação: a saúde do adolescente em foco. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 22, n. 4, p. 03–21, out. 2017

CERQUEIRA-SANTOS, Elder; MELO NETO, Othon C.; KOLLER, Sílvia H. Adolescentes e Adolescências. *In*: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira; FORNASIER, Rafael Cerqueira. *Adolescentes & Adolescências: família, escola e sociedade*. Coleção família e desenvolvimento humano. V1. Curitiba: CRV, 2020. p. 40-71

CORRÊA, Aline Medianeira Gomes *et al.* Percepção de pais acerca do impacto de tecnologias no viver saudável dos seus filhos. *Cogitare Enferm.* v. 20, n. 4, Out/dez, p. 805-812, 2015.

COSTA, Fabiana T. da; TEIXEIRA, Marco A. P; GOMES, William B. Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: reflexão e crítica*, v.13, n.3, p. 465-473, 2000.

COSTA, Moisés. O papel da internet como ferramenta da TI e seus impactos nos setores da economia. 2011. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/o-papel-da-internet-como-ferramenta-da-ti-e-seus-impactos-nos-setores-da-economia>. Acesso em: 20 abril 2023.

CRESTANI, ALFREDO . *Adolescência: tentando compreender o que é difícil entender*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. 199 p.

DESSEN, Maria Auxiliadora. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 30, n. spe, p. 202–219, dez. 2010.

DESSEN, Maria Auxiliadora; COSTA JUNIOR, Adelson. L. *A Ciência do Desenvolvimento Humano: Tendências atuais e Perspectivas Futuras*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DIAS, Vanina Costa *et al.*. Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem?. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, p. e179048, 2019.

DIAS, Maria Berenice. *Manual de direito das famílias*. 11 ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2015.

DONATI, Pierpaolo. *Manuale di sociologia della famiglia*. Roma: Laterza, 2006

DONATI, Pierpaolo. Perché la famiglia è la radice della società. In: DONATI, Pierpaolo (Org.). *La politica della famiglia: per un welfare relazionale e sussidiario*. Siena, Itália: Cantagalli. 2011, p. 21-52.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Revista Adolescência & Saúde*, v. 2, n. 2, abr-jun., p. 06-07, 2005.

EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Susana Graciela Bruno. Geração digital: Riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes. *Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto*, v. 10, n. Supl. 2, 42-52, 2011.

FALCÃO, Letícia Prazeres. *Parentalidade distraída e mediação: uma reflexão sob a égide do cuidado e da responsabilidade parental na sociedade da informação*. [Dissertação]. Fortaleza: Centro Universitário Christus. Curso de Direito, 2021.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Clínica da família e do casal: tendências da demanda contemporânea. *Interações*, v. 3, n. 6, p. 23-32, 1998.

FERRONATO, Vivian Freitas Olivieri. A importância da família na formação social do adolescente. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 18, n. 24, p. 3-9, 2015.

FINELLI, Leonardo A. C.; SILVA, J. L. da; AMARAL, R. de A. Trajetória da família brasileira: o papel da mulher no desenvolvimento dos modelos atuais. *Revista Humanidades*. v. 4, n. 2, jul. 2015.

FLICK, Uwe; VON KARDORFF, Ernst; STEINKE, Ines. *Qualitative research: a handbook*. 5th ed. London: Sage Publications, 2018.

FLICK, Uwe. *Pesquisa Qualitativa*. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 2017.

FRANKLIN, Thainara Araújo *et al.* Comportamento de risco à saúde em adolescentes residentes em municípios de pequeno porte. *Revista online de Pesquisa: Cuidado é Fundamental*, v. 10, n. 3, p. 704-710, 2018.

GALANO, Maria M. Família e história: a história da família. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper (Orgs.). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 115-148

HARMON, Ellie; MAZMANIAN, Melissa., Histórias do Smartphone no Discurso Cotidiano: Conflito, Tensão e Instabilidade. *Anais, ACM Conf. Interação Humana Computador (CHI)*. Paris, França, 2013

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios* (PNAD), 2015. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?t=destaques>. Acesso em: 21 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios* (PNAD), 2015. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?t=destaques>. Acesso em: 21 fev. 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). *Série Relatórios Metodológicos*. Projeções da População do Brasil e Unidades da Federação. Revisão 2018. 2ª ed Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101597.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2023.

JOSGRILBERG, Fábio B. Tecnologia e sociedade: entre os paradoxos e os sentidos possíveis. *Comunicação & Educação*, v. 3, n. 2, pp. 278-287, 2005.

KOTTAK, Conrad Phillip. *Um espelho para a humanidade: Uma introdução à antropologia Cultural*. Tradução Roberto Cataldo Costa. 8. Ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

KREPPNER, Kurt Zeit für die Verhandlung von Werten und Normen in der Familie: Wie sich die Kommunikation zwischen Eltern und Kindern beim Übergang zur Jugend verändert. *Jugendzeit—Time Out? Zur Ausgestaltung des Jugendalters als Moratorium*, 161-186, 2003.

LEAL, Teresa Cristina Mehry; MOREIRA, Lúcia Vaz Campos. A família e seu estudo na perspectiva de professores e formandos de um curso de licenciatura em pedagogia. In: MOREIRA, Lúcia Vaz Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira. (Orgs.). *Família e parentalidade: olhares da Psicologia e da História*. Curitiba: Juruá Editora, 2011, p. 63-79.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed 34 Ltda, 1999.

LÉVY, Pierre. *Cyberculture: Perceptions of the Digital World*. London: UCL Press, 2018.

LÉVY, Pierre. *O que é Virtual*. São Paulo, SP: Ed. 34, 1996

LINO, Michelle Villaça. A contemporaneidade e seu impacto nas relações familiares. *Revista IGT na Rede*, v.6, n. 10, p. 2-13, 2009. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs/>. Acesso em 13/10/2020.

LISBOA, Roberto Senise. Direito na sociedade da informação. São Paulo: *Revista dos Tribunais*, v. 95, n. 847, p. 78-95, maio/2006. Disponível em: <http://bdjur.stj.jus.br/dspace/handle/2011/88264>. Acesso em: 12 jan. 2021.

LÔBO, Paulo. *Direito civil: famílias*. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

MACHADO-PRATTA, Elisângela Maria; SANTOS, Manoel Antonio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007

MALDONADO, Maria Tereza. *Comunicação entre pais e filhos: como falar e agir no dia a dia das relações familiares*. São Paulo: Integrare Editora, 29ª ed. 2008.

MATTOSO, Rafael. *Tecnologia X Sedentarismo*. Saladatextual, 2010. Disponível em: <http://saladatextual.wordpress.com/2010/04/04/tecnologia-x-sedentarismo>. Acesso em 10 de maio de 2022

GOMES, Purificacion Barcia. *Famílias Alternativas. Vínculos Amorosos Contemporâneos*. São Paulo: Callis, 2003.

MCDANIEL Brandon T. "Technoference": Everyday intrusions and interruptions of technology in couple and family relationships. In: BRUESS, Carol J. (ed). *Family communication in the age of digital and social media*. New York: Peter Lang Publishing., 2015.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de Comunicação com extensões do homem*. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix, 1964

MOREIRA, Lúcia Vaz Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira; FORNASIER, Rafael Cerqueira. Adolescentes e sua adolescência: família, escola, sociedade. In: MOREIRA, Lúcia Vaz Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira; FORNASIER, Rafael Cerqueira (Orgs.). *Adolescentes & adolescências: família, escola e sociedade*. Curitiba, PR: CRV, 2018, p. 23-71.

NAVARRO-PÉREZ, José Javier; PÉREZ-COSÍN, José Vicente; PERPIÑÁN, Silvia. El proceso de socialización de los adolescentes postmodernos: entre la inclusión y el riesgo. Recomendaciones para una ciudadanía sostenible. *Pedagogía social. Revista interuniversitaria*, n. 25, p. 143-170, 2015

NUNES, Paula Pessoa de Brito *et al.* Uso e dependência do smartphone de adolescentes no cenário escolar de tempo integral. *Research, Society and Development*, v.10, n. 7, e0910716098, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/16098/17325> . Acesso 18/05/2023.

OLIVEIRA, Natália Botelho. *O direito sucessório nas uniões estáveis homoafetivas*. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Monte Carmelo, MG: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – FACIHUS. Curso de Direito, 2018.

OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra. *Recomeçar: família, filhos e desafios* [online]. [Tese]. São Paulo: Universidade Estadual Paulista - UNESP. Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2009.

OMER, Haim; FLEURY, Heloísa. *Pais e filhos em tempos de crise: como construir presença, autocontrole e uma rede de apoio*. São Paulo: Editora Ágora, 2020

OSÓRIO, Luiz Carlos. *Psicologia grupal: uma nova disciplina para o advento de uma nova era*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PAIVA, Natália Moraes Nolêto de; COSTA, Johnatan da Silva. A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça? *Psicologia*. jan. 2015. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>. Acesso em 26 de maio de 2022.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Família e individualização*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000

PEREIRA, Paula. *A nova família*. Revista Época. 12 dez 2003.

PETRINI, Giancarlo. Significado social da família. *Cadernos de arquitetura e urbanismo*. 16, n.18+ 19, p.111-21, 2009.

PETRINI, João Carlos. *Pós-modernidade e família* Bauru: Ed. Edusc., 2003

Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil [livro eletrônico] : TIC Kids online Brasil 2015 = Survey on internet use by children in Brazil : ICT Kids online Brazil 2015 / Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. -- São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016.

PONCIANO, Edna Lúcia Tinoco; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Modelos de família e intervenção terapêutica. *Interações*, São Paulo , v. 8, n. 16, p. 57-80, dez. 2003

RODRIGUES, Wallace; LOCATELLI, Arinalda Silva. Formatos atuais de família no Brasil e suas reverberações na escola. *Humanidades & Educação*, Imperatriz (MA), v. 3, n. 4, p. 38-50, jan./jun. 2021.

RODRIGUES, Wallace. Educação situacional: ensinar a partir de situações reais. *Revista Acadêmica Magistro*. v. 2, n. 18, pág. 25-37, 2018. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/4340/2894>. Acesso em: 9 fev. 2021.

ROSA, Milena Cereser da. *A paternidade socioafetiva no direito brasileiro e a (im)possibilidade de sua desconstituição posterior*. [Trabalho de Conclusão]. Santa Rosa: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Curso de Direito, 2013.

ROSSI, Ana maria *et al*. *Stress e qualidade de vida no trabalho: stress interpessoal e ocupacional*. São Paulo: Atlas, 2015.

SARTI, Cynthia A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas-SP: Autores Associados, 1996.

SCHABRUN, Siobhan M. *et al.* Texting and walking: strategies for postural control and implications for safety. *PLoS one*, v. 9, n. 1, 2014.

SCHRAMM, Wilbur; DONALD, Roberts F. (ed). *The Process and Effects of Mass Communication* (Rev. ed.). Urbana, IL: University of Illinois Press, 1971.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 101-108, 2012

SERRA, J. Paulo. *Manual de Teoria da Comunicação*. Covilhã/PT: Livros Labcom, 2007.

SILVA, Fernando de Almeida; FARIAS, Adenizia dos Santos; COELHO, Carla Jeane Helfemsteller. Verdade, pós-verdade e as redes sociais: entre paradoxos e conexões. *In*: CHAGAS, Alexandre; PORTO, Cristiane; LINHARES, Ronaldo (Orgs.). *Educiber: a multiplicidade da cibercultura na educação contemporânea*. Aracaju: EDUNIT, 2022, p. 98-112.

SZYMANSKI, Heloísa. Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. São Paulo: *Serviço Social & Sociedade*, n. 71, p. 10, set, 2002.

THOMAZINI, Magno Guerreiro; GOULART, Elias Estevão. Relações familiares: a influência do virtual. *Rev. Interações*; n. 48, p. 49-64, 2018

VIEIRA, Timóteo Madaleno; MENDES, Francisco Dyonísio Cardoso; GUIMARÃES, Leonardo Conceição. De Columbine à Virgínia Tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22, 493-501, 2009

WAGNER, Adriana *et al.* Estratégias de Comunicação Familiar: a perspectiva dos filhos adolescentes. *Revista Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 18, n.2, 2005, p. 277-282.

WELTER, Belmiro Pedro. Inconstitucionalidade do processo de adoção judicial. *In*: WELTER, Belmiro Pedro (coord.) *Direitos Fundamentais do Direito de Família*. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, Porto Alegre, 2004, p. 41-70.

YANAGUI, Viviane Brito. **União homossexual** – Necessidade de reconhecimento legal das relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo no Brasil. [Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Direito]. Brasília: Universidade do Legislativo Brasileiro. Curso de Especialização em Direito Legislativo. 2005

ZITTOUN, Tania. Usage de ressources symboliques à l'adolescence. *Travaux neuchâtelois de linguistique*, n. 57, 11-30, 2012.

ANEXO A

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Relações familiares pais e filhos com as interferências dos smartphone

Pesquisador: SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 64112622.9.0000.5628

Instituição Proponente: ASSOCIACAO UNIVERSITARIA E CULTURAL DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.812.674

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador para seleção de novos acadêmicos para o curso de Mestrado.

O objeto de estudo diz respeito a relação entre pais e filhos frente ao uso de smatphone. Nesse sentido, a pesquisadora assinala as contradições para o conceito de família ampliado para uma relação social onde todos os membros se reconhecem pertencentes ao grupo familiar. No entanto, com o aumento do acesso à internet e às redes sociais e digitais, houve a ampliação do universo de pessoas que os jovens passaram a ter acesso, porém impactando nas relações familiares, a fastando-os da convivência com a família. Desse modo, a autora do projeto se propõe investigar a interferência do uso dos smartphones nas relações e na comunicação familiar entre pais/mães e filhos/filhas adolescentes. A autora do projeto propõe um estudo de natureza qualitativa, através do estudo de caso. Os participantes da pesquisa serão três famílias biparentais que tenham adolescente(s) entre 12 e 18 anos, num total de nove participantes. As entrevistas semiestruturadas serão realizadas em ambiente virtual com cada membro da família, separadamente. Além de Observação assistemática e factual, com anotações do comportamento durante o processo da entrevista. Os dados coletados serão analisados através da Análise de conteúdo.

Endereço: Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589 Universidade Católica do Salvador, Campus Pituauçu, Comitê de Ética, Prédio da

Bairro: PITUAÇU

CEP: 41.740-090

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3206-7830

E-mail: cep@ucsal.br

Continuação do Parecer: 5.812.674

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral

Investigar como pais e filhos adolescentes percebem suas relações impactadas ou não pelo uso dos smartphones em seu cotidiano.

Objetivos Específicos:

- Conhecer as realidades das relações familiares, na relação entre pais/mães e filhos/filhas adolescentes e o uso dos smartphones na comunicação entre eles;
- Analisar os contextos relacionais advindos do uso dos smartphones na convivência familiar;
- Compreender as inconstâncias na comunicação e nas relações entre pais/mães e filhos/filhas adolescentes, frente ao uso desse recurso tecnológico

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A autora do projeto relata que "há o risco de desconforto psicológico diretamente causado pela sua participação na referida pesquisa, devido a tratar da comunicação do dia a dia com seus pais. Caso haja algum desconforto, a pesquisa será interrompida e você será encaminhado(a) para atendimento psicossocial com o psicólogo Ricardo Souza Cruz, brasileiro, casado, psicólogo, inscrito no CRP sob nº 03/19.414. Quanto aos benefícios, a pesquisadora relata que, "esta pesquisa poderá ajudá-lo(a) a refletir sobre as relações parentais e o uso de smartphones na relação familiar e no cotidiano do adolescente."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa apresenta referências atualizadas, adequação da metodologia aos objetivos propostos, o grau de vulnerabilidade dos participantes é mínimo e as medidas de proteção e minimização dos riscos são adequadas. Além disso, possui relevância científica e social pela busca de compreensão quanto às implicações do uso excessivo das tecnologias digitais que podem interferir na dinâmica das relações entre pais e filhos no âmbito da família.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresentou: folha de rosto; projeto de pesquisa; folha de informações básicas do projeto; Termo de Confidencialidade assinado pela pesquisadora garantindo a confidencialidade

Endereço: Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589 Universidade Católica do Salvador, Campus Pituáçu, Comitê de Ética, Prédio da
Bairro: PITUAÇU **CEP:** 41.740-090
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3206-7830 **E-mail:** cep@ucsal.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



Continuação do Parecer: 5.812.674

das informações; Termo de Compromisso de Atendimento psicológico assinado por um profissional (psicólogo) que realizará o atendimento das participantes do estudo que apresentarem algum desconforto psicológico; Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os adolescentes participantes da pesquisa; Termo de Consentimento para os pais/responsáveis; Os termos que foram apresentados possuem, em sua estrutura, a garantia do bem estar das participantes do estudo e o respeito pelos seus direitos.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto atende as determinações da Resolução 466/2012 e da Resolução 510/2016 do CNS.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado acata o parecer do relator e alerta que cabe ao pesquisador/a responsável encaminhar os relatórios parciais e o relatório final da pesquisa por meio da Plataforma Brasil para que sejam apreciados pelo CEP, em conformidade com a Norma Operacional nº 01/13, item XI.2.d.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2003212.pdf	23/11/2022 14:02:42		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALEADOLESCENTE2.pdf	23/11/2022 13:59:06	SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALEADOLESCENTE.pdf	23/11/2022 13:56:48	SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPAISMODIFICADO.pdf	28/10/2022 08:43:18	SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPAIS1.pdf	28/10/2022 08:42:52	SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	Taleadolescentes.pdf	28/10/2022 08:01:14	SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA	Aceito

Endereço: Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589 Universidade Católica do Salvador, Campus Píluauçu, Comitê de Ética, Prédio da
Bairro: PITUAÇU **CEP:** 41.740-090
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3206-7830 **E-mail:** cep@ucsal.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



Continuação do Parecer: 5.812.674

Justificativa de Ausência	Taleadolescentes.pdf	28/10/2022 08:01:14	SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetomodificado.pdf	28/10/2022 08:00:57	SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	11/10/2022 11:19:19	SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA	Aceito
Outros	ROTEIRO2.pdf	11/10/2022 11:12:27	SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA	Aceito
Outros	ROTEIRODEENTREVISTA.pdf	11/10/2022 11:10:47	SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMODECONFIDENCIALIDADE.pdf	11/10/2022 11:03:05	SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMODECOMPROMISSOPSILOGICO.pdf	11/10/2022 10:51:39	SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoSandra.pdf	11/10/2022 10:40:28	SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folhasandra.pdf	11/10/2022 10:25:42	SANDRA RIBEIRO BASTOS SILVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 13 de Dezembro de 2022

Assinado por:
João Marcos de Oliveira Cavalcanti
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589 Universidade Católica do Salvador, Campus Pítuaçu, Comitê de Ética, Prédio da
Bairro: PITUAÇU **CEP:** 41.740-090
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3206-7830 **E-mail:** cep@ucsal.br